

CONVERGÊNCIA

NOV/DEZ - 1968 ANO I - N.º 9-10



**SENHOR
DAI-NOS
A PAZ**

**SENHOR
ENSINA-NOS
A REZAR**





ORAÇÃO: GESTOS PERDIDOS?

A oração é o fenômeno central de toda religião, bem como a característica essencial de toda expressão pessoal das relações do «homem com Deus» afirma F. Heiler, em sua famosa monografia sobre o assunto.

(Das Gebet — Leipzig — 1923)

A história das religiões atesta a veracidade desta afirmação, comprovando-a com fatos verificados em todas as formas religiosas conhecidas (coletivas ou individuais), desde os povos primitivos até as civilizações mais adiantadas. O valor da oração, nas religiões não cristãs, é bem expresso por este verso japonês: «Há muitos tesouros nos jardins de Kulitai, mas a pérola engastada é a prece.»

Para o homem primitivo e nas civilizações sacrais do passado, a oração não apresentava problema algum. O homem antigo não sentia dificuldade em prostrar-se diante de Deus e manifestar-lhe sua adoração, seu temor ou seu pedido. Sua prece em fórmulas espontâneas ou estudadas, acentuava, de um lado, a onipotência e a transcendência de Deus e, de outro, destacava a fraqueza, a fragilidade e a incapacidade do ser humano.

Contudo, para o homem moderno, parece que esse clima se modificou. As revoluções industriais, o progresso das ciências e das artes, as conquistas tecnológicas deram-lhe uma consciência maior de sua capacidade, de seu poder para dominar as forças do universo e pô-las a serviço da humanidade e da construção da cidade terrestre. Em contrapartida, esse mesmo homem sente-se preso na engrenagem da máquina por ele fabricada e, perdido nos labirintos de um universo que apenas começou a explorar. O peso da matéria pode embaraçar-lhe os passos. Pode lhe obscurecer o espírito. É possível que surja a tentação de esquecer-se de Deus.

Seriam, porém, verdadeiras as acusações que se ouvem contra o homem contemporâneo? Ele não sabe mais rezar? É ele incapaz de reencontrar os gestos de humildade e de súplica do homem de outrora? Estaríamos em vias de cortar as relações com um Deus inútil ou por demais distante?

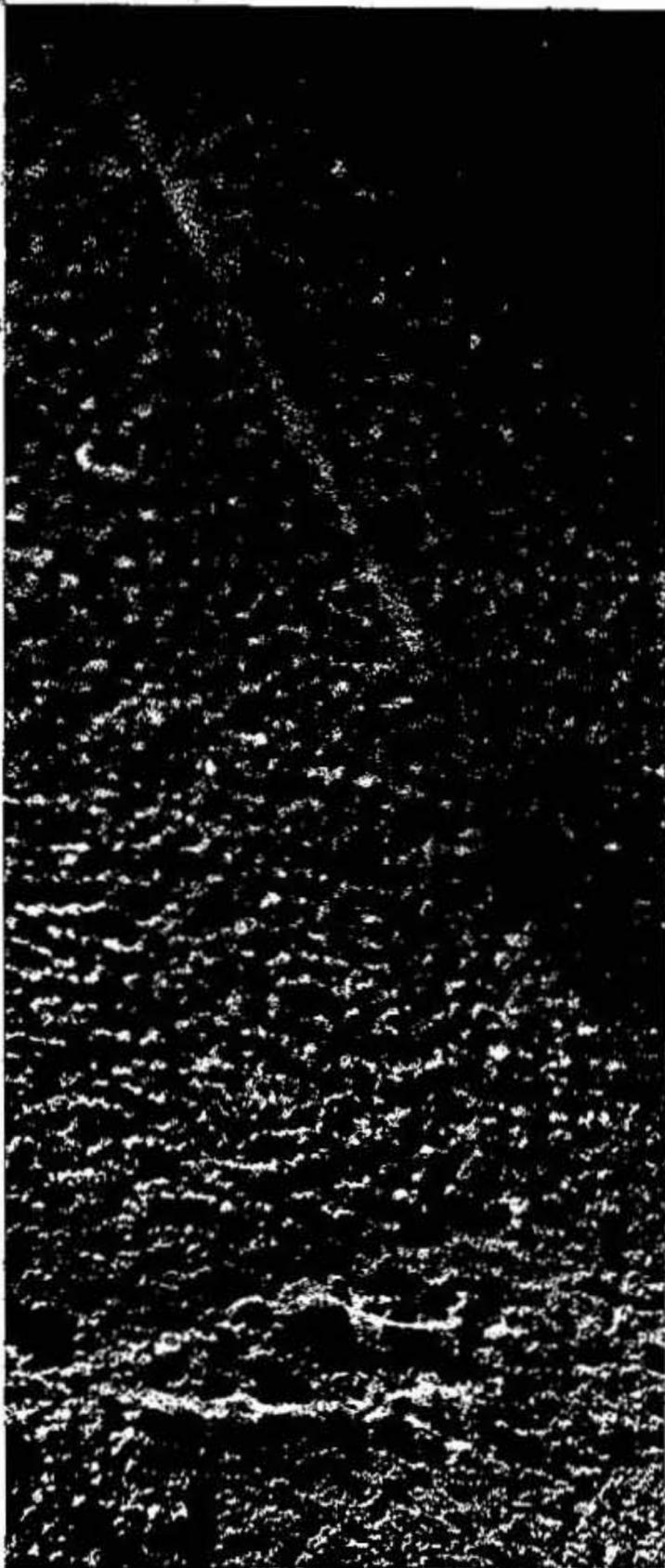
Os teólogos voltados para esta questão que angustia profundamente o homem contemporâneo, encaram a realidade nova e buscam resposta. Sem dúvida, a prece continua a ser uma necessidade existencial do homem, qualquer que seja sua situação histórica. E para todo homem consciente de sua condição de criatura, orar constitui uma exigência básica. Para o cristão, no entanto, prece é o diálogo da criatura com seu Criador, é a linguagem do filho que se dirige ao Pai. E o Espírito é quem suscita e acompanha essa comunicação do homem renovado em Cristo, seu salvador, com o Deus que o leva a realizar-se em plenitude.

Trata-se, portanto, de descobrir os termos e as expressões dessa nova linguagem. Do mesmo que o contexto do mundo contemporâneo nos força a procurar uma nova linguagem para exprimir a nossa fé, assim as mesmas realidades em que vivemos hoje nos obrigam a inventar uma nova linguagem para traduzir a nossa oração.

Evidentemente não existem fórmulas mágicas. E dessa maneira, o presente número de *Convergência* levantando o problema da oração, quer apenas abrir algumas pistas possíveis para a resposta que, no final, só será encontrada mesmo na realidade da vida.



NOSSA TERRA DE ORAÇÃO



(Trechos de um diário)

O que mais atrapalha e até impede o diálogo é o preconceito. Basta que se faça um juízo antecipado (e, conseqüentemente, indevido) de um dos elementos, um dos personagens da cena, e o entendimento se trunca, o diálogo redundante artificial e a sintonia impossível.

Se isso é verdade no que diz respeito à simples (simples?) comunicação humana, que pensar do relacionamento entre o homem e Deus, a criatura e o Criador, o filho e o Pai?

A dificuldade, no entanto, é ainda maior do que se possa crer num primeiro momento. Se o homem — há de ser humana a falha — faz mau juízo de Deus, o contato se recusa. Mas que acontecerá se o homem também faz mau juízo do homem? Se não há apenas um erro na direção, um desvio de rota, uma confusão de alvo? mas se a própria fonte se desconhece, se equivoca, ignora os seus recursos, minimiza o seu potencial ou supervaloriza a sua capacidade energética? O fiasco será a conseqüência menor. O desastre, quase inevitável. De qualquer modo, a frustração.

Quando eu era criança, pensava como criança, falava como criança, rezava como criança... e, se o fazia de fato, achava as minhas delícias em estar com o Filho de Deus, como filho de Deus.

Oração — diálogo, oração — alimento, oração — presença — tantas maneiras de rezar... e não rezar.

Conversar com Quem, se ao silêncio sensível do interlocutor não corresponde o silêncio humilde de quem quer ouvir?

Alimentar-me de Quê, se eu me farto de fórmulas, esquemas, espiritualidades, rubricas e, pior que tudo, da satisfação de um dever cumprido, de um protocolo minucioso capaz de embotar a própria consciência?

Presença de um Ausente? de um intruso ou inoportuno hóspede, de pé, à porta, às tantas da noite ou do dia, para quem não pode haver lugar em minha estalagem forrada de espelhos onde se reflete obsessivamente a minha própria solidão?

Ah! o tédio, o cansaço, a rotina cinzenta, os bons hábitos curtidos ao calor do mesmo inexorável sol, e um resto de esperança, com gosto de nostalgia, de ter feito uma brecha, aberto um espaço vazio no bulício morno, escaldante ou frio, do que é preciso fazer, do que vale, o que fica, o que conta... afinal, é preciso rezar! Ah! Deus entre parênteses (distinto — separado do contexto em que se insere...) Deus — lembrança, cicatriz, esperança minúscula e imprecisa, com sabor de rifa, de seus talões valem milhões... Ah! Um Deus presente apenas entre um «Em nome do Pai» e um «Amém»...

Onde encontrar a oração com cheiro (mau cheiro) de vida, própria, pessoal, intransferida, com as próprias palavras ou alheias, a oração sofrida, sem palavras, sem Deus imagem corrompida (e o Verbo se fez bronze, massa, mármore, pedaço de madeira, papelão, e habitou triunfante e indiferente, em um retábulo, um nicho, um monumento, um trono de momento, um entérro de mentira, num rabo de procissão...), onde encontrar a oração?

Onde está o calor de um salmo, a explosão de um grito de Jó machucado e aflito, de um leproso amado, um cego de nascença, o medo, a gratidão, o «se tu queres»... o «se tivesses estado aqui na hora...», o «meu Senhor e meu Deus...»? Onde mesmo, quando, em que situação, a hesitação da Virgem, a dúvida de José, a queixa da irmã de Lázaro, o olhar de Pedro, a curiosidade de João, a esperança melhor do bom ladrão?

Onde, ao menos, a oração com gosto de impropério, mas dirigida a Alguém, voltada contra Alguém tentando atingir Alguém em sua aparente a falaz imprecação?

«Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?...»



A minha oração — como poesia — é emoção recolhida na tranqüilidade. Minha culpa, minha máxima culpa, é justamente essa falta, êsse atrofiamiento da sensibilidade diante de Deus. Do Deus ao alcance de minhas mãos, de meus olhos, de meu coração. Do Deus próximo demais. E, por cúmulo, essa falsa noção de paz, de tranqüilidade, da paz que Ele nos deu, que nos deixou, tão diferente daquela que o mundo nos dá. Panorama visto da cruz. Oração compromisso, compaixão, com-fiança, comunhão:

Obrigado, Senhor, por êsses homens, todos êles, todos os homens, que me mostram teu caminho, teu rastro no meu caminho, ainda bem vivo no chão.

Obrigado por aquela môça que, outro dia, no ônibus, sentou-se no banco de trás. Ela não o sabia, mas com um resto de samba cantolado baixinho e que chegava até nós com bafo de álcool e de fumo... ela não o sabia, mas eu ouvi sua voz.

Obrigado, Senhor, pela mulher da vida, parada na calçada, espiando as rosas da vitrina. Flôres de estufa, rezas de vitrina «Rosa, rosa de amor»...

Obrigado, Senhor, pelo rapaz abastado, de boa família, que passeia de carro quase tôda a noite, e espreita a vida do fundo profundo das suas olheiras. Calça o melhor sapato. Passa um tempo inaudito ajeitando o cabelo. Lá vai êle, lá vão os sonhos dêle, a alma dêle, entre o sapato e os cabelos...

Obrigado, Senhor, pelo mendigo, sentado no meio-fio, estendendo a mão. Ah, a mão do pobre, encarquilhada e suja, êsse vale profundo em que se juntam as bênçãos do Senhor. Pobres e ricos — há tanto tempo já que estou convosco e não me conheceis...

Padre Josmar Braga Martha

RENOVE SUA
ASSINATURA
E FAÇA DE OUTRA
UM PRESENTE DE
NATAL



CONVERGÊNCIA

UMA REVISTA DE
HOJE QUE DESEJA
SER UM PONTO DE
ENCONTRO, UM
ELO DE LIGAÇÃO
EM CRISTO

RENOVAÇÃO: VOLTA ÀS FONTES E PROSPECTIVA

"À LUZ DO
CONCÍLIO VATICANO II
E DA REALIDADE
LATINO-AMERICANA"



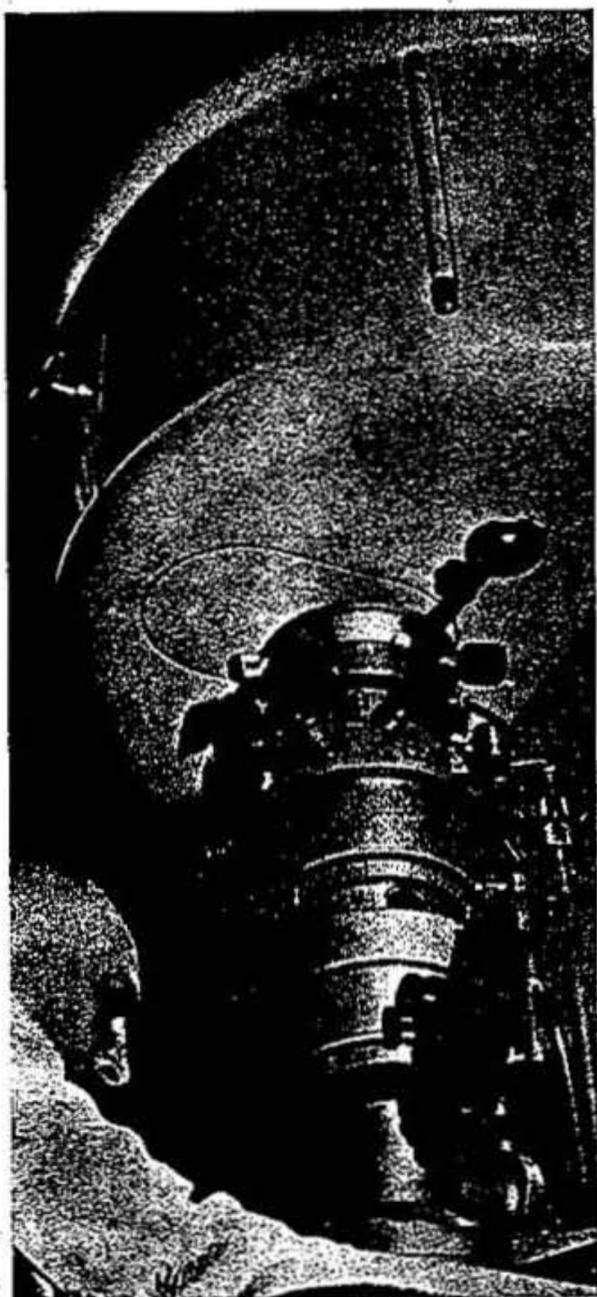
Pedidos à
sede da
CRB:
Av. Rio Branco, 123
10.º andar - (GB)

A VIDA RELIGIOSA NO BRASIL DE HOJE

texto-base da
VIII Assembléia-Geral
Da Conferência dos
Religiosos do Brasil



Pedidos à
CRB:
Av. Rio Branco, 123
10.º andar - Rio (GB)
ou nas Agências Regionais
da CRB



ORAÇÃO CRISTÃ

A oração supõe sempre uma comunidade: um eu e um tu, o homem e Deus. O homem, no seu ser, acha-se ligado a toda evolução e movimento da vida, da qual não pode se abstrair, rezando. Não existe ser isolado. É isso que é bastante para mostrar até que ponto oração e vida são inseparáveis. O homem acha-se enraizado num meio social, numa comunidade humana, numa situação de trabalho, da qual não pode se evadir, rezando. O homem vive profundamente relacionado com os outros, com seus próximos, dos quais não pode se desvincular, rezando. Está entrosado no processo histórico de uma época, do qual não pode se excluir, rezando. Assim, a situação básica daquele que reza é sempre uma **situação de solidariedade vital** (consciente ou não) com o mundo. Não pode existir uma oração estritamente individual.

Em Deus, fonte de toda a vida, todo ser vivo encontra a sua origem e a sua finalidade. O Deus de nossa oração está, portanto, com toda a profundidade, presente a toda a vida e a todo o ser vivo. O Deus de nossa oração não é, em si mesmo, um isolado. Ele vive um misterioso processo de relacionamento até a plenitude na unidade perfeita da Comunidade Trinitária.

Este Deus tem vínculos profundos com os homens. Ele é tão profundamente solidário que chega à identificação com eles em Jesus Cristo. Ele penetra toda a história humana, caminhando com os homens através dos seus avanços e dos seus recuos. Assim, não existe atividade menos individual que a verdadeira oração. A oração é o encontro de duas comunidades.

Libertar a oração

Muitas vezes, a palavra **oração** evoca certas expressões, certas fórmulas, uma certa decoração quase mecânica: «saber orações» é uma expressão sintomática. Quanto ao lugar, oração logo nos lembra o ambiente do santuário, certas imagens, a atmosfera da Igreja... Quanto ao tempo, a palavra **oração** está ligada a certos momentos, aliás reduzidos, da nossa vida: oração da manhã, oração da noite, por exemplo. Ora, aprender a rezar consistirá em sairmos dos limites em que inconscientemente ou subconscientemente ficou circunscrito o nosso conceito de oração. Em outros termos, trata-se de libertar a oração. Mas, as regras desta libertação é no próprio Evangelho que as iremos encontrar.







Lugares e ambientes

O padre Congar, em seu livro *Jésus-Christ*, nota o seguinte: «Em nenhum trecho o Evangelho relata que Jesus viesse ao templo para rezar. Isso não quer dizer que não teria rezado no templo. Apenas o Evangelho nunca menciona esta intenção de uma maneira formal e explícita». A mesma observação pode-se fazer a respeito dos sacrifícios. Mas, nenhum versículo do Evangelho exprime o desejo de Jesus de subir ao templo para oferecer um sacrifício. E quando instituir o sacrifício da Nova Aliança, escolherá a casa de um amigo. Quando oferecer o seu próprio sacrifício, será fora do templo, na cruz. Portanto, com uma liberdade soberana, Jesus liberta a oração e o culto dos lugares sagrados. Cristo não liga a oração com o quadro exterior: «Mulher, acredita-me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem nesta montanha nem em Jerusalém», pois o lugar da oração não se localiza materialmente. Ora, nisso Jesus seculariza a oração. A oração cristã, libertada do conceito lugar, entra no século, no século dos homens, isto é, no processo histórico da humanidade em marcha para a sua glorificação.

O homem religioso, fora de uma concepção cristã da oração, procura captar uma Potência Mágica para pô-la a seu serviço. Nisso se coloca numa situação de alheamento com respeito à realidade. Tal homem sacraliza os lugares e os objetos (...velas, imagens, macumba). Ora, esta situação de fuga da realidade atinge seu ponto agudo justamente quando tudo se torna sagrado, exceto o próprio homem.

A oração cristã, ao contrário, «relativiza» (dessa-craliza) lugares, objetos, ambientes, reconhecendo que só Deus e o homem à sua imagem e semelhança merecem um respeito sagrado.

O homem religioso, na concepção cristã, dessa-craliza as coisas, isto é, as coloca no seu papel de mediações para consagrar a Deus o mundo dos homens, seus filhos. O cristão, cada vez mais livre, entra e penetra a oração de Cristo que assume o mundo e o oferece ao Pai numa liberdade e submissão totais. A liturgia nos confirma nesta orientação: «Na verdade, Pai Santo, é nosso dever dar-Te graças em todo lugar e em todo tempo, por meio de Cristo Nosso Senhor».

Assim, não se trata de destruir, de desprezar os espaços, os ambientes que favorecem o recolhimento. Basta lembrar o episódio em que Jesus expulsa as pessoas que haviam transformado em lugar de vende-e-compra, o templo, a «casa de oração». Trata-se pois de não reduzirmos a «área» da oração aos limites da igreja ou da capela. A oração supõe uma tomada de consciência da nossa solidariedade com o mundo dos homens e o seu destino.

O «lugar» da oração, enquanto «localização», é o mundo que assumimos em nossa consciência de homem livre. Assim, a oração situa-se na consciência, em qualquer lugar. Apenas nesta perspectiva é que diminui o divórcio entre vida e oração, resultado de uma visão errada tanto sobre a vida quanto sobre a oração.

Momentos e tempo

Jesus liberta a oração quanto ao tempo, pois deu ao tempo uma nova dimensão. No Evangelho, os momentos da oração de Jesus são difíceis de precisar: rezou de noite, rezou muitas vezes de dia, ligando a sua oração a uma circunstância determinada (Mc 6, 46; Lc 6, 12).

Alguns testemunhos ressaltam a vida de oração contínua de Jesus. Jesus não se limita a um horário. E sua oração revela-nos a sua relação com o Pai em qualquer hora, em qualquer momento e em todo o tempo. Assim, com Ele e por Ele, é que aprenderemos a permanecer em comunhão com o Pai: é necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo. Não se trata, de «marcar» uma obrigação, porquanto conscientizada a necessidade de orar, o momento mais favorável e válido será encontrado. Então, saberemos «orar sempre» vivendo a dinâmica das nossas relações com Deus e com nossos irmãos.



Vida dura, meu Deus!

Sensibilização ao bem e ao mal

O nosso encontro com Deus, na oração, passa pelas circunstâncias em que vivemos no momento da oração e que dão às nossas orações um determinado acento, conforme as situações. Nisso cada oração é marcada de novidade e de originalidade.

Na segunda reunião ecumênica internacional, realizada em Taizé de 31 de agosto a 3 de setembro de 1967, Dom Antoine, exarca do Patriarca de Moscova, dirigindo a palavra aos jovens, disse o seguinte: «A oração nasce de duas fontes: da faculdade de maravilhar-nos das maravilhas de Deus em si e no mundo, apesar das suas sombras; e do sentido do trágico, o nosso e o dos outros». Assim, a oração, comunhão com Deus, é geralmente marcada por um duplo contexto circunstancial:

Por uma sensibilização ao Bem

- sentido do maravilhoso
 - desígnio de Deus
 - sentido da alegria
 - sentido da bondade de Deus
 - sentido da gratidão
- Neste caso, num clima de gratuidade serena, a oração traduzirá:
- adoração
 - louvor
 - ação de graças

Por uma sensibilização ao Mal

- sentido da lentidão do crescimento do Reino
 - sentido da miséria
 - sentido do sofrimento
 - sentido da injustiça
- Neste caso, num clima de confiança absoluta, a oração traduzirá:
- pedido
 - súplica
 - apelo ao perdão

Assim, em qualquer circunstância, o conteúdo da oração será precioso diante de Deus e não significará um alheamento com relação aos homens, «se permanecer no amor».



UM DIALOGO ASSIMÉTRICO



Se ainda minhas palavras tivessem um sentido para meu invisível e mudo interlocutor!

Mas não. Antes que eu o peça, o Pai sabe muito bem aquilo de que preciso, e minha razão me garante que não posso falar sem que, desde toda a eternidade, Deus conheça as palavras cuja existência ele permitiu. Sua onisciência torna vãos todos os meus discursos.

E eu permaneço só.

Mas, de repente, minhas trevas se iluminam. No encontro da oração, Deus vem como Deus, e eu venho como homem. Ele na sua transcendência ou imanência (para mim é a mesma coisa), e eu no meu pobre **vir-a-ser**. E, se faço os gestos da oração, é por minha causa, por causa da matéria de que Deus me fez, de maneira alguma por causa d'ele, pois não precisa absolutamente de meus gestos nem de sinais externos.

Vou dizer minha fé.

Vou dizer minha esperança.

Vou dizer meu amor.

Expressando os laços profundos que me unem a Deus e que, no decorrer do dia, permanecem mudos, deles vou tomar consciência.

Uma fé que nunca se afirma, desmorona.

Uma esperança que nunca se exprime, extingue-se.

Um amor que nunca se traduz, acaba desaparecendo.

Minha fé, minha esperança, meu amor precisam declarar-se para existir, precisam exprimir-se para crescer e se desenvolver.

Orar é fazer emergir no plano de minha consciência as relações que fazem continuamente que eu seja, no templo do Espírito, membro de Cristo e filho adotivo do Pai.

Sou eu que preciso da oração para existir.

Eis-me, enfim, libertado e pronto para rezar, não para atingir Deus, mas para me deixar atingir por ele; não para mudá-lo, mas para vir a ser plenamente o que ele quer que eu seja: seu filho em Jesus Cristo.

Entro no meu quarto
Fecho a porta
Recolho-me para orar.
Deus, não o vejo
Deus, não o ouço
Deus, não o sinto
Ele habita em uma luz
inacessível

Ninguém o viu jamais,
e nem eu o verei.

Chamo, ninguém
responde

Meu grito fica sem
eco

Falam-me de "dialogar" com Deus, mas o meu "diálogo" eu só o experimento como um perpétuo monólogo...

Meu monólogo não mais me apavora.

Ele não é absurdo.

Tem sua razão de ser, não em Deus, mas em mim.

E por mais que se esforce o monólogo, ele só poderá ser a resposta à Palavra que sempre o precede, porque é ela que o cria e ela que o salva.

Meu monólogo torna-se então, de fato, um diálogo, mas um diálogo assimétrico, no qual um dos interlocutores fala à sua maneira e no seu nível.

Eu no meu, por meus gestos, minhas atitudes, minhas palavras e até por meus silêncios. Deus no seu, por sua Palavra, que a todo momento me cria, a todo instante me propõe a salvação adquirida em Jesus Cristo.

B. BERNARDO BESRET

Monge de Boquen (França)

ORAR É DIALOGAR

Deus no diálogo

Será que Deus, na oração de muitos homens, está de fato presente como participante do diálogo? Será que Deus está aí como uma pessoa, na qual o homem crê, na qual ele põe a sua esperança, à qual ele ama? ou será que Deus não passa de uma noção, resumo sistemático de uma série de curiosidades — onipotente, onisciente, onipresente, Aquê-le abstratamente todo-poderoso, **sabe-tudo**, presente em todo lugar, que não muda nem provoca absolutamente coisa alguma em nós, por não se achar encarnado numa Pessoa viva e verdadeira? Sem dúvida, o diálogo só é possível com alguém. Não se pode falar ao conhecimento abstrato de alguém.

Aqui, a teologia tem uma tarefa. A ela compete apresentar aos homens, um conhecimento na fé, pessoal. Precisa fugir às puras abstrações. Nossa comunicação com Deus só se tornará verdadeiro diálogo quando se basear no Verbo, na Palavra, naquele que nos ensinou e nos capacitou a realmente nos entretamos com o Pai. E o que é súplica, adoração, reconciliação e agradecimento, só descobriremos quando Aquê-le a quem nos dirigimos significar para nós uma realidade. Em outras palavras, quando a nossa oração, a nossa comunhão com Deus, significar um diálogo interpessoal.

Assim, já podemos perceber o porquê das dificuldades que muitas pessoas encontram na oração: como posso falar com Alguém que não sei se existe ou não? como posso ficar falando a Alguém cujo interior já esvaziei ou, em outros termos, Alguém de quem já **sei tudo**, de uma forma entretanto puramente nocional?

Pe. Antonino Witschge, CSSR

Conversar com alguém, dialogar com alguém é, por excelência, a característica do homem: «É da essência do homem ser dialogante» (Romano Guardini, em **O mundo e o ser humano**). O diálogo é mesmo uma forma de dois seres humanos «estarem juntos». Sômente me torno homem quando convivo com os outros.

Falar, comunicar-se, só se realiza na companhia de outros. Supõe a presença dos outros. E justamente quando são transmitidas a outros, quando são comunicadas, é que as palavras recebem o seu pleno sentido, a sua significação.

Comunicar-se com os outros cria um mundo que empenha as pessoas. Por conseguinte, dialogar supõe e realiza um encontro, uma comunhão, que será tanto maior quanto mais os participantes do diálogo estiverem presentes, isto é, participarem ativamente com a sua pessoa tôda.

O homem no diálogo

O homem, sobretudo o homem de hoje, tem uma necessidade profunda de se apresentar diante dos outros, da maneira mais autêntica possível. Ora, isto supõe no homem o desejo e a coragem de ser diante dos outros aquilo que de fato ele é. E explica, também, a sua necessidade de se apresentar diante de Deus, de falar com Deus, tendo como ponto de partida a mesma autenticidade. Mas, êste desejo e esta coragem de ser autêntico também na presença de Deus ligam-se a certas condições humanas, das quais desejamos ressaltar apenas duas (a minha relação pessoal com Deus está condicionada pela minha relação pessoal com o próximo):

- fé, confiança no outro, abertura para o outro
- desconfiança, isolamento, solidão...



O mundo é belo quando visto através de certos magazines. Ele é muito diferente quando descoberto por nossa própria experiência ou quando abrimos os olhos para ver a realidade. O mundo de hoje parece-me submetido a um duplo cativo.



Subdesenvolvidos

O cativo da miséria, do subdesenvolvimento, é o que atinge a grande maioria dos homens. Entretanto o poder e o saber do homem aumentam incessantemente e criam, em certas ilhas privilegiadas, a civilização da abundância que, por sua vez, cria um outro cativo, o cativo da riqueza: o homem farto é um homem vazio, procurando o sentido de sua vida.

Nesta situação, a tarefa da Igreja é dupla: promover a libertação do cativo do subdesenvolvimento e descobrir o sentido da vida, para orientar os que se acham na abundância. Será ouvido o anúncio da salvação eterna se a Igreja não se empenhar primeiro em salvar o homem da fome, do analfabetismo, do desemprego, da doença? Cuidar disso não é para ela oportunismo, é fidelidade à sua missão. A salvação trazida pelo Cristo é a salvação do homem todo, na história e no reino escatológico. Trabalhar para o desenvolvimento — a **Populorum Progressio** o disse claramente — é esboçar esta vida em plenitude que desabrochará em novos céus e nova terra. Isso, a Igreja no Brasil bem compreendeu, inscrevendo a promoção humana entre as linhas prioritárias da sua pastoral, — a Igreja tomará a iniciativa, onde as autoridades civis se revelarem deficientes.

O que ela fizer será bem pouca coisa face à tarefa imensa que exigiu o empenho de todas as forças do país. Todavia, é assim que ela demonstra, da maneira mais evidente, a carência da ordem estabelecida: é o modo atual de denunciar o pecado do mundo.

Superdesenvolvidos

As sociedades desenvolvidas ou superdesenvolvidas vivem debaixo de outra escravidão: a da riqueza. O homem sai da indigência para ser aprisionado pelos bens que adquiriu. Para que o homem permaneça livre em presença dos múltiplos bens que lhe são apresentados, é necessário que estabeleça com precisão o objetivo de sua vida: que fará de seu poder e de sua riqueza? Nessa conjuntura a Igreja deve anunciar a palavra evangélica, que esclarece o sentido da vida. A palavra libertadora. Num mundo pluralista, a Igreja não é mais a única que fala. Outros também propõem uma explicação da existência. Que a Igreja humildemente se coloque entre eles, confiando na força da verdade e não mais na força do prestígio ou da imposição.

Igreja

Tem hoje, a Igreja, suficiente audácia no serviço do homem? Está ela aparelhada para responder na linguagem de hoje, às perguntas dos homens sobre o sentido da vida? É preciso não nos contentarmos muito depressa com os resultados alcançados.

Num mundo de indigência a Igreja deve dar um testemunho claro em favor do homem procurando libertá-lo. Num mundo de insignificância — servidão da riqueza — que a Igreja ilumine o caminho, propondo um sentido para a existência. Como o fará ela?

TAREFAS DA IGREJA NO MUNDO DE HOJE



Monumento da cidade devastada. Segunda Guerra Mundial. Cidade de Rotterdam.

Gestos

É necessário inventar **gestos significativos**, gestos que falem, frente às situações humanas e aos acontecimentos. Diante dos problemas que concernem ao mundo inteiro — a paz, o subdesenvolvimento — é necessário encontrar gestos capazes de repercutir em plano mundial.

As estruturas sociais estão atualmente em plena mutação. As comunidades tradicionais são destruídas ou estão ameaçadas. O homem se acha perdido num mundo grande demais. Para alimentar a fé e dar testemunho do Evangelho, a Igreja procura como estruturar-se em comunidades que tenham sentido para o cristão e que sejam um sinal para o não-cristão. Estas comunidades de base se criam de maneira diversa. Às vezes reúnem comunidades segundo suas afinidades naturais, comunidades de jovem, de casais, de estudantes, de operários de camponeses. Outras vezes, seguem a diversidade das situações em relação à fé; comunidade de pesquisa, comunidade catecumenal, comunidade eucarística. A experiência leva a colocar a pergunta: as instituições temporais cristãs (escolas, obras de assistência) continuam a ser sinal num mundo em vias de secularização? Questioná-las não é atentar contra a visibilidade da Igreja. Pelo contrário, é procurar como manifestá-la ao nosso tempo.

A tarefa da Igreja é dar a todos os homens um coração de carne, segundo o que foi prometido pelo profeta

Ritmos

A vida cristã procura, enfim, **ritmos significativos**. Os ritmos eclesiais estão em desacordo com os ritmos da vida moderna. Que significam no Brasil os ritmos importados da Europa? Os ritmos do tempo, das grandes etapas da vida, do ciclo litúrgico devem sempre ajudar o homem a tomar alento. Numa nova civilização que surge, é necessário encontrar uma nova arte de viver. Os cristãos não devem ficar ausentes da procura.

Audácia

Tôdas estas tarefas exigem revisões audaciosas em nossas maneiras de pensar e de agir. Mas, em que condições isto se fará, sem comprometer a unidade da Igreja?

É necessário que os que investigam os caminhos novos — no pensamento e na ação pastoral — sejam homens sólidamente enraizados na tradição. «A Igreja, diz São Bernardo, olha para frente e olha para trás». Olha para trás não para fixar o passado, mas para reencontrar a fonte da experiência cristã, que se manifesta de maneira diversa, através dos séculos. Quando este enraizamento na tradição está garantido é possível a descoberta de novas formas de vivência cristã.

Para isso são necessárias experiências? É necessário tentá-las, apesar do risco que se corre. O maior perigo seria a estagnação.

A diversidade não é uma ameaça para a unidade da Igreja. Ao contrário, devemos desejar o fim do monolitismo. Que a Igreja no Brasil seja brasileira e não uma Igreja de importação. Essa é a tarefa das conferências episcopais, nacionais ou continentais.

Elas devem realizar esta particularização da Igreja, mantendo, entretanto, a abertura para a Igreja universal. Eis a verdadeira catholicidade.

Onde estas condições estão realizadas, a audácia é permitida, a audácia é um dever. A verdadeira fidelidade não é esclerose, nem conservadorismo temeroso. É uma fidelidade de criação e não de estagnação. Na verdade, a Igreja conhece hoje tensões. Fala-se de perigos, de defecções. Mas fala-se, por acaso, bastante da autêntica invenção que se processa, em comunhão com toda a Igreja, em comunhão com a totalidade da experiência da Igreja? Fala-se bastante da admirável fidelidade dos que querem ser totalmente cristãos e pertencer totalmente a seu tempo? Caíram muitas falsas permanências. Muitas seguranças ilusórias. Neste tempo de procura e de incerteza, devemos testemunhar a esperança. Na hora presente em que os homens continuam a testemunhar o sofrimento, o cristão continua a ser testemunha de alegria: não a falsa satisfação do possuidor, mas a alegria da esperança, a alegria de quem espera contra toda a esperança.

FREI MIGUEL
PEUCHMAURD, OP



DOCUMENTO SÔBRE OS PADRES — MEDELLIN

A comissão que elaborou o texto sôbre o clero compunha-se de bispos do México, Argentina, Cuba, Brasil, Venezuela, Espanha e de peritos do Chile, Brasil e Argentina.

O esboço inicial, elaborado por ordem do coordenador da comissão, não foi por esta aceito. Em pequenas equipes criou-se o roteiro dos trabalhos. Daí surgiu a primeira redação, muito superficial e pobre. Lida em primeiro plenário, deixou impressão bastante negativa em todos, a tal ponto que a própria comissão pediu para retirar o texto e refazê-lo. Quando esta notícia foi dada em plenário, recebeu a confirmação de prolongada salva de palmas.

A segunda redação foi escrita pelos peritos e aprovada pela comissão, que deu os retoques necessários. Levada a plenário e votada, verificou-se o seguinte resultado: 123 votantes; placet 82, non placet 5, juxta modum 35, abstenção 1.

A terceira redação, integrados os modos apresentados, foi finalmente aprovada e promulgada.



Conteúdo

Em Geral

O documento sôbre o clero parte de um olhar para a realidade, identificando nela a situação dos padres. Coloca elementos para reflexão pastoral e tira conclusões para o ministério e vida dos presbíteros. Termina com saudação fraternal aos presbíteros, aos que estão em crise e aos que já se afastaram.

Falando sempre em terceira pessoa (impessoal), termina, na saudação, com a primeira do plural. O estilo é simples, fora do pomposo de documentos oficiais. Linguagem direta, pastoral.

O texto todo reflete a diversidade do nível de conscientização que existe na própria América Latina. Assim, para o Brasil, parece que o documento de Medellín sôbre o clero, é inferior ao nosso texto do documento base (aprovado, para estudo, pela IX Assembleia-Geral do Episcopado Brasileiro). Mas, para países como Bolívia, Equador, México, Colômbia, Venezuela... o documento do CELAM significa indiscutível abertura e considerável progresso para a pastoral dos presbíteros.

Nas observações sobre a situação geral, o documento fala das **mudanças** que necessariamente afetam os presbíteros. Mesmo quanto a este impacto da realidade, as situações são diversas geograficamente (num país mais; noutra, menos), etariamente (os mais jovens sentem mais), e psicologicamente (entusiasmo e desânimo, amargura e esperança). O conjunto da realidade, parece, segundo o documento, mais para esperança do que para temor.

Lembra-se que o problema maior não é a questão da deficiência quantitativa do clero. Há também a considerar a má distribuição dos presbíteros, a não especialização dos mesmos, o pouco aproveitamento dos carismas e até o caso da **imaginação** de carismas que realmente não existem.

As crises no clero são hoje uma evidência. Crise, porém, não significa decomposição final. Significa antes, oportunidade de crescer, de amadurecer. A maior de todas é a crise de fé. Suas causas: a superficialidade na formação mental, insegurança doutrinária, desconfiança frente a estruturas históricas da Igreja. Na espiritualidade nota-se busca de expressão mais vivencial da oração, consagração e ascese. As novas formas de espiritualidade ainda não adquiridas, com as antigas já abandonadas, são, em muitos casos, as fontes de crise. O relacionamento com a autoridade é também campo de atritos. Surgem dúvidas no que se refere à própria vocação sacerdotal. Existe, ainda, o caso de sacerdotes que, por sua idade e formação, sentem-se como que incapacitados para assumir as mudanças de renovação promovidas pelo concílio, pela CELAM...

Nem falta o agravante do problema econômico para muitas vidas sacerdotais: insuficiência de meios para viver e **desonroso**, segundo eles, o modo de se obter o pouco que se consegue.

A reflexão partiu da consideração teológica sobre o sacerdócio de Cristo, da comunhão hierárquica, da comunidade eclesial e do serviço ao mundo.

Os elementos teológicos foram invariavelmente confrontados com as exigências concretas do mundo latino-americano que, na hora atual, se encontra empenhado em um gigantesco esforço para acelerar o processo de desenvolvimento no continente. Aqui o presbítero tem papel específico e indispensável. Não é apenas o promotor do progresso humano, pois descobrindo o sentido dos valores temporais, deverá procurar conseguir a «síntese do esforço humano, familiar, profissional, científico e técnico com os valores religiosos, sob cuja altíssima hierarquia tudo coopera

para o glória de Deus». Toda ação temporal deverá adquirir seu pleno sentido em uma liturgia que a incorpore vitalmente na celebração eucarística.

Nas considerações orientativas lembrou-se que a espiritualidade sacerdotal deve ser vivência pessoal intrinsecamente vinculada com a ação ministerial. A caridade pastoral, expressão da unidade com Cristo, é realmente o ponto básico daquilo que se pode chamar de **espiritualidade do presbítero**.

Mas, qual a nova figura do padre? Certamente mais pluralista no seu engajamento apostólico e no seu estilo de vida. Caminha-se para a idéia de equipes sacerdotais assumindo o conjunto da pastoral de uma região. A comunidade eclesial de base apareceu também como resposta adequada à expressão comunitária da vida eclesial. As exigências de diálogo e de novo estilo de subsistência, foram claras conseqüências de todo o processo de renovação do ministério hierárquico.

Nas saudações finais apareceu um estilo profundamente compreensivo, amigável, não condenatório, nem cominatório. Sentia-se que se o próprio Cristo estivesse falando, não o faria diversamente.

Conclusão

As conclusões práticas são bastante genéricas, tributo que se paga inevitavelmente a documentos do gênero. A parte teológica não vai além da teologia firmada já pelo Vaticano II. A análise da realidade é bastante tímida. Há um tom fundamental de esperança e confiança na pessoa dos padres, na dimensão sobrenatural da Igreja. Sente-se a pobreza realista de encarar os fatos sem amargura, e olhar para a Igreja como ela de fato é. Por isso, a convicção tranqüila de que se deve partir dessa situação.

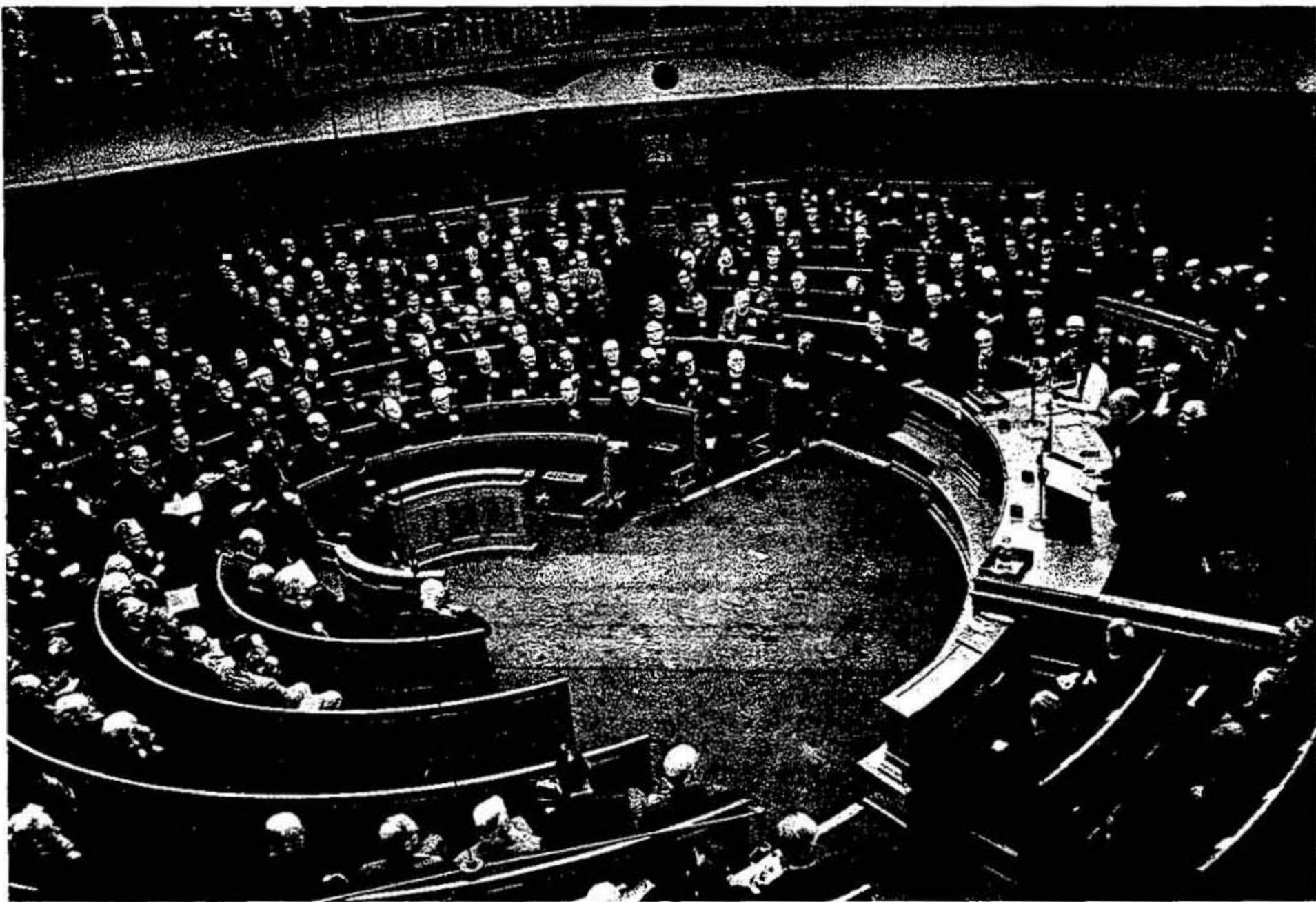
O documento de Medellín situa-se como um passo a mais, não o definitivo, certamente, nem o mais espetacular. Não é elegia aos presbíteros, mas sim instrumento de trabalho. Importante, porque é um passo de todo o conjunto, não apenas de um país, porventura mais conscientizado.

PADRE JOSÉ MARINS

ROMANO GUARDINI



Faleceu recentemente em Munique o teólogo alemão Romano Guardini. A oração constituiu um de seus temas básicos. Seus excelentes livros sobre oração e liturgia são universalmente conhecidos e apreciados. Nascido em Verona na Itália, em 1885, viveu na Alemanha para onde fora ainda criança com seu pai, então nomeado cônsul em Mayença. Professor de filosofia em Berlim durante longos anos, Guardini é considerado um dos maiores filósofos existencialistas cristãos. Dotado de imensa cultura, escrevia com igual facilidade sobre Pascal, Bernanos, Rilke, ou Dostoiewsky. Romano Guardini que, no seu trabalho de renovação foi grandemente atacado, exerceu benéfica influência sobre um número sem conta de discípulos. Guardini é autor das seguintes obras traduzidas para o português: **O Senhor** (2 vols), o **Espírito da Liturgia**, e **A Oração**.



Os bispos da Comunhão Anglicana reuniram-se, êste ano, na Church House, centro administrativo da Igreja da Inglaterra, na vizinhança da Abadia de Westminster, em Londres

CONFERÊNCIA DE LAMBETH

A denominação de Conferência de Lambeth assumiu êste ano mais um sentido histórico do que literal, pois, pela grande afluência de bispos participantes, as sessões não mais puderam realizar-se no antigo Palácio de Lambeth, a residência oficial do Arcebispo de Cantuária, Primaz de toda a Inglaterra.

Dez anos atrás, o número de bispos presentes era de 310. Êste ano, participaram da Conferência 469 bispos, inclusive auxiliares (coadjutores e sufragâneos). Representavam as 19 províncias ou Igrejas autônomas espalhadas pelo mundo inteiro. Estas Igrejas consideram a Igreja da Inglaterra como a sua Igreja-Mãe e outorgam ao Arcebispo de Cantuária uma primazia de honra, sem jurisdição efetiva sobre a Comunhão Anglicana. Além das 339 dioceses existentes, há atualmente onze distritos missionários, que estão sob a jurisdição do Arcebispo de Cantuária.

A Província do Brasil, uma das novas da Comunhão Anglicana, estava representada na Conferência pelo Primaz Dom Egmont Machado Krischke, Bispo do Brasil Meridional, por Dom Plínio Lauer Simões, Bispo do Brasil Sul-Occidental, e pelo Bispo do Brasil Central, Dom Edmund Knox Sherril, residente no Rio de Janeiro.

Tomaram parte nas deliberações 162 bispos norte-americanos, 138 europeus, 47 africanos, 32 da Oceania, 11 da América Central e 7 sul-americanos. O total de batizados na Comunhão Anglicana chega a 47 500 000, dos quais só na Inglaterra (sem o País de Gales) 27 600 000.

O tema central da Décima Conferência de Lambeth era o mesmo da Quarta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em Upsália: **A Renovação da Igreja**. Logo no início foi lida uma mensagem do Papa Paulo VI e outra do Patriarca ortodoxo de Constantinopla, fazendo votos pelo bom êxito da Conferência. O Papa afirma que «renovar tudo em Cristo é a preocupação de todas as Igrejas».

Pela primeira vez estavam presentes, em todas as sessões plenárias bem como nas das comissões, observadores de outras Igrejas, entre os quais vários católicos chefiados por Dom Jan Willebrands, do Secretariado para a União de Todos os Cristãos.

É significativo que, desde o início os bispos anglicanos, seguindo os exemplos do Concílio Vaticano II e do Conselho Mundial de Igrejas, acentuaram a necessidade do contato da Igreja com o mundo e a solicitude pelos mais urgentes problemas da atualidade. A Igreja não pode ficar alheia e indiferente aos sinais dos tempos. Deve seguir o exemplo do Mestre que proferiu as comovedoras palavras: «Tenho dó dêste povo», faminto no deserto em seus caminhos difíceis e longos, ameaçado de perecer. É a mesma idéia e o mesmo espírito que inspiraram ao Cardeal Suenens, em seu livro **Co-responsabilidade da Igreja**, as palavras sintéticas: «Temos a obrigação de dar aos homens de hoje o pão e a Hóstia Sagrada; devemos incutir-lhes o alfabeto e a doutrina cristã; garantir-lhes a segurança social e a Providência divina, e convencê-los do valor do trabalho e o da oração». Uma coisa fazer, e outra não deixar de fazer.

Neste mesmo sentido, insistiu o Arcebispo de Cantuária, Dr. Ramsey, na obrigação de a Conferência de Lambeth «medir e definir as forças que sacodem o mundo

atual e, em particular, as do fluxo da maré tecnológica com o espírito secular que provoca; o o terrível contraste entre o mundo da prosperidade e o da fome; as explosões do ódio racial; a acumulação das armas destrutivas e a persistência de guerras e matanças».

A Conferência condena a guerra como meio de resolver conflitos internacionais e nacionais. No entanto, em um dos relatórios admite-se, a exemplo do que foi proposto em Upsália e considerado em Medellín, a participação de cristãos em situações extremas de tirania insuportável, onde já existe a provocação violenta. Neste caso deve ser medido e premeditado se uma revolta constitui realmente o mal menor, pois violência gera violência; e esta não será talvez a solução real para o problema conforme o princípio do bem comum.

Foi feito apelo ardente aos cristãos da Rodésia e da África do Sul para uma oposição às práticas desumanas de discriminação racial naqueles países.

Por quase unanimidade aprovou-se, no dia 20 de agosto, a proposta da adoção de um estilo de vida simples, como exemplo a ser dado pelos bispos anglicanos, no sentido da renúncia a títulos pomposos e honoríficos supérfluos, inclusive nos atos litúrgicos.

A adaptação ao mundo moderno trouxe para a Conferência problemas diversos, como a ordenação de mulheres e o valor que se deve atribuir hoje em dia aos famosos 39 artigos adotados na Igreja Anglicana desde 1571.

A Igreja, ou antes a Comunidade Anglicana, sente a necessidade de chegar a uma certa centralização por meio de organismos permanentes, nos quais se deve oferecer amplo lugar a sacerdotes e leigos, o que poderia levar à criação de um Conselho de cúpula, que iria dispensar e substituir a Conferência de Lambeth.

Finalmente, discutiu-se sobre os problemas levantados pela assim chamada Nova Teologia, enquanto esta se baseia sobretudo em realidades concretas que obrigam os teólogos a sérias revisões de suas certezas em vários domínios, impedindo-os «de sacramentalizar indevidamente os dados deste mundo», como observa Cristian Ducock em seu livro *A Igreja e o Progresso*.

Pe. Suitberto Mooy, SS.CC.



Da esquerda para a direita: Dom Edmund Knox Sherrill, Dom Egmont Machado Krischke, Dom Plinio Lauer Simões

A IGREJA ANGLICANA

Entre os católicos, e mesmo entre os anglicanos, há quem negue à Igreja Anglicana o caráter protestante de Igreja reformada. Ou, pelo menos, não falta quem o procure atenuar. À mesma conclusão, embora por motivo diferente, chegam muitos cristãos evangélicos e reformados: a Igreja Anglicana é do tipo católico.

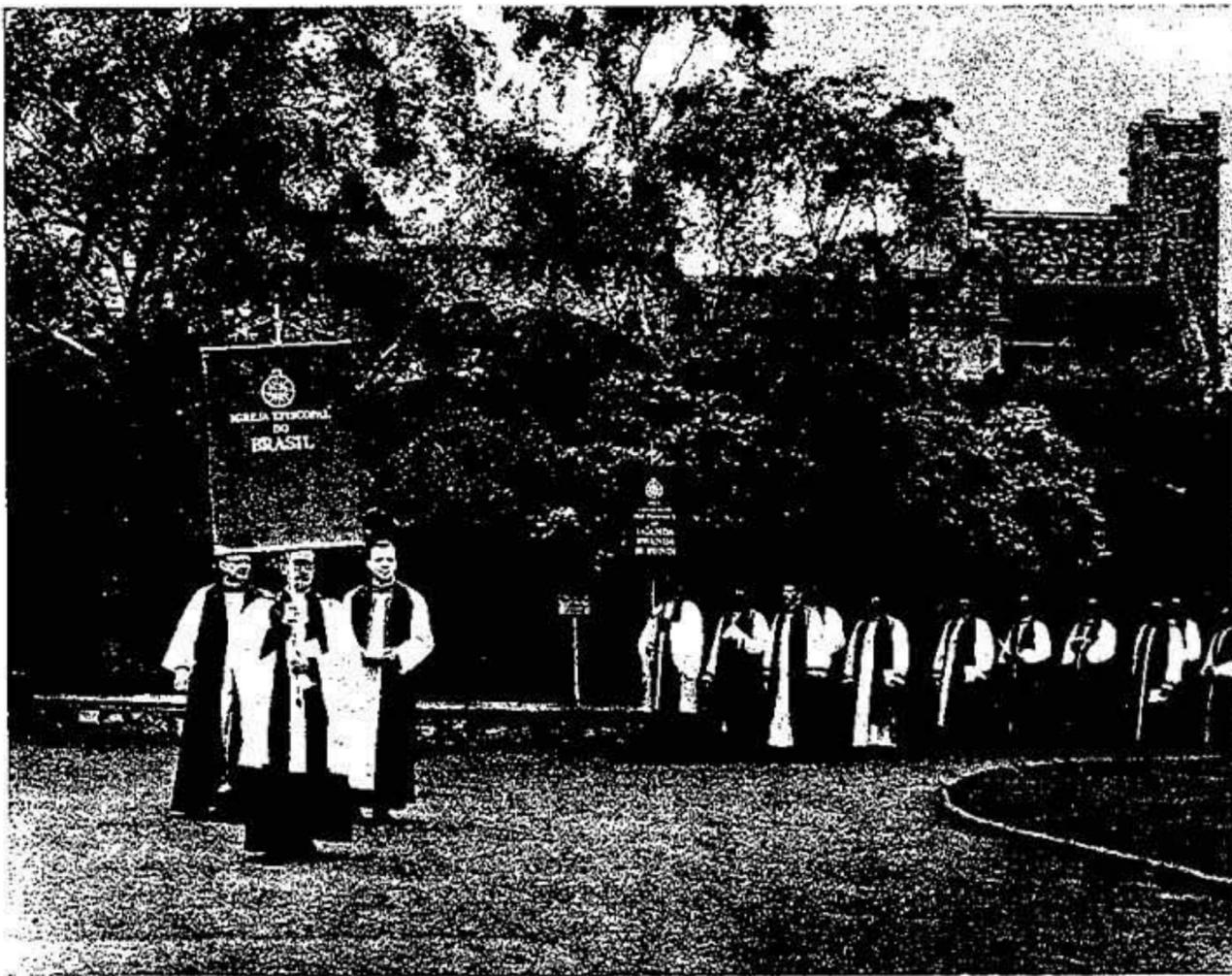
O professor W. H. van de Pol, profundo conhecedor, estudioso do Anglicanismo e autor de vários livros a respeito, taxa a conclusão de «ilusão óptica proveniente de vários fatores». Em primeiro lugar, houve a luta de quase um século contra o puritanismo, dentro da própria Igreja da Inglaterra. Os representantes e defensores da Igreja estruturada hierarquicamente e com relações estreitas com o Estado lutaram contra as tendências puritanas por acharem o puritanismo uma aplicação unilateral dos princípios da Reforma. Entretanto, puritanos e não-puritanos consideravam os mesmos princípios como esteios de sua Igreja e rejeitavam doutrinas e práticas romanas.

Assim, de 1645 a 1660, conseguiu o puritanismo dominar completamente a Igreja Anglicana e substituir a organização episcopal por um sistema presbiteriano e até congregacionalista. Suprimiu-se o *Book of Common Prayer*. A *Confissão de Westminster* substituiu, durante aqueles anos, os 39 Artigos.

A monarquia restaurada e a hierarquia episcopal restabelecida, em 1660, provocaram a separação dos puritanos que se constituíram em duas Igrejas livres, a Presbiteriana e a Congregacionalista. Desde então, a Igreja Anglicana firmou-se pelo *Ato de Restauração* e abriu-se para o *Latitudinarismo*. Não o fez porém no sentido de uma maior aproximação com o Catolicismo. A posição anglicana significava, antes de tudo, uma larga abertura para o humanismo platônico, para o liberalismo e o racionalismo.

Foram estas tendências que deram origem a duas espécies de renovações (*Revivals*): a primeira, em meados do século XVIII, foi o Metodismo, iniciado pelos irmãos Wesley; a segunda, um século mais tarde, foi o *Movimento de Oxford*, que favorecia positivamente a idéia e visão do Catolicismo dentro da Igreja Anglicana.

A *Compreensiveness* ou presença de traços da mais diversa procedência cristã é fato inegável, mas que não se confunde com um aglomerado de concepções dogmáticas, litúrgicas e eclesiológicas muito diferenciadas e entre si opostas. É verdade que na Igreja Anglicana existe sem perigo de cismas, a convivência de membros e grupos cujas tendências variam por tôdas as escalas que vão da ortodoxia integral ao liberalismo extremo. Seria no entanto grande engano admitir que a Igreja Anglicana se subdivide em grupos opostos e praticamente autônomos. E, nesta linha, não tem sentido falar em *Low-Church*, *High-Church* e *Broad-Church*. Com efeito, não existem mais as fronteiras rígidas entre os *High-Church-men*, tipo século XVII, geralmente das altas classes dirigentes, e os protestantizantes da *Low-Church*. Uma grande parte de ambos os grupos, sem dúvida, saiu da Igreja oficial, tornando-se dissidente opositor em *Igrejas Livres* independentes. Contudo, as pessoas que continuaram dentro da Igreja Anglicana deram provas de tolerância e optaram pela convivência cada vez mais pacífica com as outras correntes. A mesma coisa fizeram os partidários da *Broad-Church*, levados precisamente por sua maior largueza de espírito. Nos séculos do racionalismo e do liberalismo julgavam eles as disputas doutrinárias prejudiciais ao verdadeiro progresso e, por isso, uma perda de tempo.



Arthur Michel Ramsey, Primaz da Igreja Anglicana

Dos High-Church-men surgiu o Movimento de Oxford, mas provocando no meio deles grande oposição. Hoje, os anglo-católicos, mais ritualistas do que os outros, convivem pacificamente com a família anglicana. Os da Low-Church chamam-se, de preferência, **Evangélicos**.

A largueza de espírito dos membros da antiga Broad-Church estende-se, hoje, a quase todos os anglicanos. A imensa maioria dos bispos, dos teólogos, do clero inferior e dos fiéis praticantes são moderados, sintetizam e integram, numa unidade nova, elementos da mais variada procedência cristã. Dêste modo, a Igreja Anglicana parece apresentar-se como uma espécie de microcosmo de toda a Cristandade. Isto

significa que a Comunidade Anglicana sente-se praticamente exemplo de Ecumenismo. Ela não crê na vitória total de um tipo de Igreja com exclusão de outro tipo, com outras formas de fé e de vida cristã. Não rejeita as consequências da tradição e da evolução histórica, mas não gosta de lhes atribuir o valor de critério definitivo. A Reforma do século XVI, por exemplo, vale antes como um episódio passageiro de sua história eclesiástica. Os anglicanos não gostam de ser chamados de protestantes. Convém lembrar que a protestantização da Igreja Anglicana seguiu curso diferente. Até certo ponto era uma justa posição e entrosamento do que uma contraposição, como era o caso das correntes protestantes luteranas e reformadas da Europa, onde resultaram, com posições rígidas, próprias e unilaterais, duas Igrejas diferentes da Igreja Católica Romana.

O anglicano quer ser considerado católico, mas é o entende a seu modo, sem abandonar sua concepção do Evangelho e de toda a Sagrada Escritura, concepção que herdou da Reforma. Os princípios originais da Reforma «continuam a formar o motivo do bordado policromo do Anglicanismo, mas a repulsa ao epíteto protestante explica-se em grande parte pelas lutas contra puritanos e tendências sectárias. Protestantismo evoca no anglicano de hoje uma série de posições e tendências antipáticas, como dogmatismo rígido, vandalismo litúrgico, gosto por disputas teológicas, individualismo e subjetivismo sectários e aversão ao caráter institucional da Igreja».

Quais as expectativas legítimas de uma reconciliação da Igreja Anglicana com a Igreja Católica em decorrência do espírito ecumênico?

Limitando-nos a acontecimentos mais recentes, mencionamos primeiro o encontro havido em Roma entre o então Arcebispo de Cantuária, Geoffrey Fisher e o Papa João XXIII, em dezembro de 1962; depois, a visita oficial do atual Primaz da Igreja Anglicana, Arthur Michel Ramsey, ao Papa Paulo VI, em março de 1966. Um grande passo para uma futura união foi dado quando, no ano seguinte, foi criada a Comissão mista Católica-Anglicana. Já se realizaram duas reuniões, a primeira em Gazadda (Itália) e a segunda na Ilha de Malta, em janeiro dêste ano. Entre os assuntos tratados, em diálogo cordial, enumeramos a relação entre a Igreja e o Evangelho, a Autoridade na Igreja, a Infallibilidade do Papa, o Primado de Pedro entre os Apóstolos, a Mariologia e a delicada questão da validade das ordenações anglicanas.

A respeito dêste último ponto, sabemos que a atual atitude do lado católico não é mais a da rejeição categórica da validade

nos termos da bula *Apostolicae Curae* de Leão XIII, em 1896. Nem sempre foi tomado na devida conta o fato de que a bula não se pronunciou direta ou formalmente a respeito da sucessão apostólica na Igreja Anglicana, sucessão essa que a mesma Igreja sempre defendeu com ardorosa convicção. O documento papal de 1896 considera inválidas as ordenações anglicanas pelos defeitos de forma ou fórmula e de intenção. Quanto à fórmula, os teólogos anglicanos que constestaram a bula alegaram, entre outras coisas, que a própria Igreja Católica às vezes tem mudado a fórmula verbal na sagração e na ordenação, respectivamente de bispos e sacerdotes. Quanto à intenção, a mesma bula aduz que, quando da sagração de Parker, em 1559, foi a intenção prejudicada pela exclusão do poder do sacerdócio consacratório sacrificial. Isto porque os reformadores do Pontifical Romano modificaram, de propósito, as fórmulas ao negarem o sacrifício eucarístico da santa missa, como era e é celebrado na Igreja Católica Romana.

Os teólogos e escritores anglicanos alegam que existia a primeira e principal intenção do sagrante e consagrantes: a de «agirem como ministros de Cristo para conferirem o ministério por ele instituído». Quanto à segunda intenção, objetam os anglicanos que os reformadores do Pontifical rejeitavam apenas erros muito espalhados na Idade Média sobre a natureza sacrificial da missa.

Na revista *Concilium* (janeiro 1968), John Jay Hughes, ordenado padre (priest) na Igreja Anglicana e recentemente ordenado sob condição sacerdote católico, escreve sobre «Estudos recentes a respeito da validade das ordenações anglicanas». Não conhecemos as circunstâncias da ordenação anterior, qual o bispo ou arcebispo que o ordenou, se conforme nossas normas este era válidamente sagrado ou não. Em todo caso, o fato prova que a Igreja Católica não adota mais a posição categórica da bula *Apostolicae Curae*. Admite a dúvida. Esta poderia basear-se, em muitos casos atuais, no fato da intercomunhão entre a Igreja Anglicana e a Igreja Vétéro-Católica, cujos bispos válidamente sagrados já serviram de consagrantes e ministros por ocasião da sagração de bispos e da ordenação de padres da Igreja ou Comunidade Anglicana.

Mas há mais razões para justificar a mudança na atitude da Igreja Católica a respeito da intrincada questão. Chamou-se a atenção para o fato de que a bula não foi escrita pelo próprio Papa Leão XIII. Hughes, em seu artigo acima citado, diz que «há boas razões para presumir que o contributo do Pontífice, de 87 anos, se tenha limitado à assinatura».

Passou-se o tempo em que o referido documento papal era considerado como sentença infalível só pela ênfase da conclusão: «Por Nossa vontade própria e com ciência certa pronunciamos e declaramos que as ordenações conferidas conforme o rito anglicano foram e são absolutamente sem valor e inteiramente nulas». E ainda: «Decretamos que esta Carta, e tudo que ela contém, nunca poderá ser taxada ou acusada de adição, supressão, falta de intenção de Nossa parte ou de qualquer outro defeito, mas que ela sempre será válida e guardará sua força; que ela deverá ser inviolavelmente observada por todos.» O Papa ou a bula chega até a declarar de antemão inválido tudo o que se acrescentar de diferente e por quem quer que seja e qualquer que seja o pretexto...

O professor van de Pol, em seu livro *La Communion anglicane et l'Oecuménisme* (nº 63 da Col. *Unam Sanctam*), diz que a redação foi feita em estilo curial, a que não se deve dar importância exagerada. Trata-se de uma norma disciplinar que de per si não é infalível. A declaração exige apenas que — enquanto ficar em vigor — deve ser observada por todos os que se encontram sob a jurisdição papal. Por este motivo pode ser admitido que o Papa Paulo VI tenha declarado em 1965, numa audiência privada concedida ao Bispo anglicano George Luxton de Huron (Ontário), que a Igreja de Roma oficialmente ainda mantém a posição da bula de Leão XIII, mas ao mesmo tempo o Papa pôs a descoberto a possibilidade de uma revisão, pela qual ele se declarou pessoalmente interessado.

Esperamos que do estudo em que se ocupa a Comissão mista Católica-Anglicana resulte uma solução adequada para o delicado problema.

Pe. Suitberto Mooy, SS.CC.

SCHILLEBEECKX

Não há processo contra o padre Edward Schillebeeckx, não haverá e não vejo porque deveria haver», declarou Dom Fausto Vallaine, chefe do serviço de imprensa do Vaticano. Esta foi a primeira informação oficial, a despeito de rumores muito difundidos de um processo de heresia.

Dom Vallaine acrescentou que a Comissão para a Doutrina da Fé analisando as idéias do teólogo dominicano, o fizera em um «espírito de amizade». E, aliás, dentro deste clima é que fôra chamado o padre Karl Rahner, familiarizado com o pensamento e a língua do dominicano belga.



No dia anterior à declaração de Dom Vallaine, os consultores da Sagrada Congregação para a Doutrina haviam mantido um contato de cinco horas com Rahner. Nesta oportunidade Karl Rahner tomou conhecimento do dossiê de duzentas páginas referente ao dominicano belga: eram frases extraídas dos escritos de Schillebeeckx e traduzidas para o francês. Neste mesmo dia, Karl Rahner declarava a amigos: «Se isolassem em meus próprios escritos tal ou tal expressão perigosa, seria bem fácil condenar tudo à fogueira.» Declarou ainda: «Penso que a investigação não terá maiores consequências já que as idéias de Schillebeeckx não estão em contradição com os dogmas e o concílio...»

Mesmo esta investigação amistosa já ocasionou vários protestos. Entre outros, o dos reitores de faculdades de teologia da Holanda e o de 290 dominicanos holandeses, flamengos, alemães e ingleses. Os bispos holandeses, após conhecerem com alegria a declaração de Dom Vallaine de que não haveria processo, enviaram telegrama ao substituto da Secretaria de Estado, Monsenhor Benelli deplorando a atitude com respeito ao padre Schillebeeckx, «que sempre se mostrou muito cuidadoso em relação à ortodoxia da teologia moderna». E o próprio Schillebeeckx, por sua vez, afirmou: «Guardo sempre a esperança de que um dia haverá uma discussão aberta». Considero que é perfeitamente normal que Roma examine minhas obras teológicas, mas continuo acusando o ambiente de segrêdo em que se desenrolam estas investigações.

Não é verdade também que a Ordem dos Dominicanos tenha proibido Schillebeeckx e Chenu de participarem de um Congresso de Teologia Moral que será realizado em Walberberg (Alemanha Federal) em março próximo.

PESSOAS

PESSOAS



PADRE LEBRET

A fundação pelo padre Le Bret e pelo padre Loew do **Movimento de Economia e Humanismo**, em 1942. Jacques Loew, fundador da Missão Operária São Pedro e São Paulo, a que pertencia o padre Vauthier, em Osasco, foi um dos oito signatários do célebre manifesto com que se fundou em Marselha **Economia e Humanismo**. O padre Loew já trabalhava desde 1941 como estivador no porto de Marselha. Ele foi o primeiro padre-operário. Embora haja participado das reuniões de Economia e Humanismo, não pertenceu propriamente ao movimento. Continuou padre-operário. Continuou estivador. Durante treze anos, de 1941 a 1954, trabalhou no porto de Marselha, até que Roma suspendesse a experiência dos padres-operários. Quando esta se reabriu, por autorização de Paulo VI, em 1965, Loew imediatamente voltou ao trabalho de estivador. E passa metade do ano em Marselha e metade do ano em São Paulo, na comunidade de Osasco.

O padre Le Bret — Louis Joseph Le Bret — liderou o movimento de Economia e Humanismo por longos anos. Foi seu principal fundador e seu teórico. Economista e sociólogo, veio ao Brasil em 1947, dar um curso de **Introdução Geral à Economia Humana**, a convite da Escola de Sociologia e Política de São Paulo — e esse encontro com o Brasil foi decisivo, no destino de Le Bret, como cientista social, como pesquisador. Especializou-se ele cada vez mais, a partir de então, no estudo dos países subdesenvolvidos, na análise do fenômeno do subdesenvolvimento. De tal modo que podemos defini-lo como um especialista em Terceiro Mundo.

Quem ler a encíclica **Populorum Progressio**, de Paulo VI, logo verá que o autor ideológico da grande encíclica é simplesmente Le Bret. Todas as teses adotadas pela carta-encíclica são lebetianas. E o papa cita expressamente o padre Le Bret, como cita Maritain, Zundel, De Lubac, Chenu. O tom geral da encíclica é puro Le Bret, quer dizer, Economia e Humanismo. As relações entre o fenômeno humano e o fenômeno econômico. A necessidade ou a urgência de se humanizar a ordem econômica. De se colocar a Economia a serviço do homem.

Tal é, em essência, a mensagem do grande dominicano Louis Le Bret, falecido em Paris no dia 20 de julho de 1966. Uma vida consagrada à **Montée Humaine**. Não obstante as múltiplas tarefas de sua ação social e de seu esforço técnico, rigoroso, minucioso, exigente, escreveu sete livros de espiritualidade para militantes, desde os famosos **Princípios para a Ação**, de 1945, livro fundamental, roteiro básico, traduzido pelo nosso Carlos Pinto Alves, que, ao lado de frei Benevenuto Santa Cruz, foi o grande amigo brasileiro de Le Bret. Frei Benevenuto traduziu o livro mais importante da obra lebetiana —

—PESSOAS

Suicide ou Survie de l'Occident, lançado no Brasil pela Livraria Duas Cidades. Nesse livro capital, logo se percebe que havia no padre Lebret uma dupla vocação: a de contemplativo e a de cientista social, a de ordem mística e a de ordem técnica. Foi, simultaneamente, um homem de ardente vida interior (fervent religieux», escreveu o papa Paulo VI no telegrama que enviou ao IRFED) e de intensa atividade social.

Partindo do movimento de Saint-Malo, organizou em Economia e Humanismo um movimento ou uma equipe que, se inspirando no marxismo, pesquisasse as relações entre o fato econômico e o fato humano. Não foi formalmente contra o marxismo, não foi a favor, nem sequer uma superação dele, mas uma pesquisa objetiva a partir dele — e, sobretudo, da realidade social concreta. Lebret representou esse corajoso esforço de objetividade e de inserção temporal. Foi um engajado, que gostava de repetir esta palavra **engagement**. Espiritualidade do engajamento. Civilização do universal. Tomada de consciência. Dinâmica do desenvolvimento. Essa idéia de desenvolvimento harmonioso dominou a fase final de sua vida. O Brasil lhe deve diversas pesquisas, em São Paulo, no Nordeste, levantamentos meticolosos de uma complexa realidade social, sobre cujos diferentes aspectos se debruçou com a sua extrema seriedade, a sua quase angústia diante da miséria, o seu desejo de construir com os homens do seu tempo uma civilização do universal. Vi-o morto em Paris. A vida me permitiu representar o Brasil (ao lado de Cândido Mendes) na hora grave do seu velório e do seu entêrro. Tinha eu a consciência de que enterrávamos um dos maiores homens do nosso tempo.

ANTÔNIO CARLOS VILLACA



O MONGE DOM THIERRY

Dom Thierry nasceu na Bélgica, em 1921. Fêz-se monge em 1942. Desde o começo interessou-se pela liturgia. Se hoje muita coisa da liturgia é enigmática, imaginemos o que não seria em 1946! Se ainda hoje, apesar do Vaticano II com a constituição **Sacrosanctum Concilium**, parece que a liturgia ainda sofre de perene intocabilidade, não é de admirar que Dom Thierry tenha sido considerado perigoso, herege mesmo, porque investia (e investe) justamente contra essa marca.

O que nos causa espanto nessa luta de vinte e um anos é o homem não ter desanimado. Infelizmente, muitos daqueles que se julgam donos da Igreja ainda não perceberam que é através da liturgia principalmente que se conseguirá mostrar uma outra face da Igreja, sinal de Deus entre os homens. Acham que liturgia é o apêgo às formas que nada mais significam (são rubricas) e que nada melhor que uma liturgia estranha ao mundo para mostrar os enigmáticos mistérios. Entretanto, que é mistério? Mistério é Deus se manifestando de maneira clara. Tornando-se homem, nosso companheiro e irmão. Ora, a finalidade da liturgia é mostrar o amor de Deus que quer estar com os homens.

Com quatro anos de monge e vinte e cinco de idade, Dom Thierry foi nomeado pela Abade para a direção da revista, mundialmente conhecida, **Paroisse et Liturgie**. Por vinte anos a dirigiu. E foi através dessa revista, orientada com tanta coragem, que se tornou conhecido, discutido e combatido. Mas foi essa revista também, sob sua direção, a responsável pela mudança de muita coisa que, na Igreja, concerne à liturgia.

Ninguém que saiba qual a finalidade da liturgia está contente, muito menos Dom Thierry, com o simples fato de o cânon ser em vernáculo. É preciso que o cânon seja atual. No entanto, as reformas permitidas são dadas com muito vagar, a conta-gotas, e nem sempre como se espera.

Autor de muitos livros, de cursos que deu e continua dando em universidades e de artigos transcritos em *Paroisse et Liturgie* e outras revistas, Dom Thierry não só é objeto de polêmicas mas, ele mesmo, de propósito, as suscita. Certos meios têm medo do monge, porque acham suas idéias avançadas demais! Não que ele provoque discussões pelo simples prazer de discutir ou de estar em evidência, mas apenas para esclarecer as idéias. E o medo delas não dura mais que dois anos. Decorrido esse tempo, diz ele, «minhas idéias são aprovadas». Roma o segue de perto, com cuidado e respeito. Mas, «depois de dois anos», até ela se dobra aos intuitivos argumentos desse monge sem medo...

Os bispos belgas protestaram violentamente contra um número da *Paroisse et Liturgie*, publicado em 1965, porque nele fôra focalizado o problema da obediência dos padres à Igreja e aos bispos. O artigo, condensado por outros

colaboradores, fruto de uma pesquisa entre padres, era apresentado por Dom Thierry. Através porém de uma carta aos bispos pode-se perceber que o homem discutido e corajoso sabia dialogar com simplicidade e era obediente. Contudo, depois que foram constituídos os presbitérios diocesanos (quase dois anos após o artigo sobre a obediência...), eles deram razão às razões de Dom Thierry, que foi nomeado para a Comissão Nacional de Liturgia.

Nesse interim, um artigo «muito teológico» saído na revista de Dom Thierry mereceu de Roma um aviso: a revista não comportava tais artigos, pois «muitos padres» poderiam não «compreender». E o monge deixou a direção para «mudar» um pouco e se consagrar aos trabalhos de pesquisa, que devem aparecer, em breve, na coleção *Vivante Liturgie*, nova revista.

Após uma viagem de dez meses à África, Dom Thierry fundou o Instituto de Pastoral e Liturgia, que funciona na Abadia de Santo André, em Bruges. Foi fundado em 1957, pensando na África e com o pensamento de adaptar a liturgia à mentalidade africana. No primeiro ano, oito padres congolezes foram seus alunos. Só eles. Logo no outro ano,

o Instituto abriu-se para o mundo. Pena só poder receber, cada ano, vinte e sete alunos, por faltar acomodação. É tido esse Instituto como um dos melhores do mundo. Nêle a pesquisa sobre a pastoral litúrgica parte de uma experimentação concreta e de princípios teológicos repensados. Sua finalidade primordial é adaptar a liturgia à mentalidade moderna e ao espírito do Vaticano II. E Dom Thierry confia bastante nos resultados, porquanto pelo Instituto já passaram mais de trezentos padres, dos quais, hoje, dois são arcebispos, quatro vigários gerais, dezenas são professores nos seminários, e muitos outros são responsáveis pela liturgia em plano diocesano ou nacional.

A uma pergunta sobre o que ele pensa sobre o futuro da Igreja após o Vaticano II, Dom Thierry responde:

— Muito difícil, porque os espíritos começam a se inquietar e porque as virtualidades contidas nas declarações do Vaticano II não chegaram ainda à maturidade e falta pouca coisa para que não cheguem.

Dom Thierry está convencido, entretanto, de que Deus se manifesta aos homens através dos eventos de hoje. Ele é um apaixonado pelo mistério da Encarnação.

Jorge Saraiva Castro

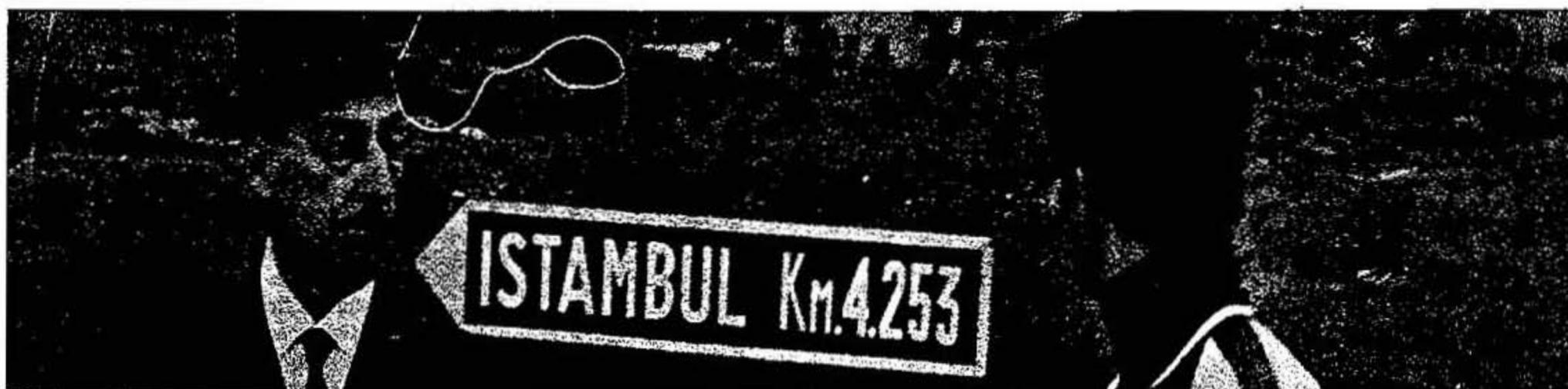
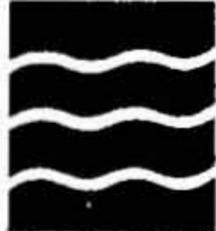
**Vivemos num tempo de urgência
Vivemos num tempo de coragem**

Assine a revista

PONTO HOMEM

Caixa Postal 40

Viamão — R. G. S. — Brasil



Um filme de Pier Paolo Pasolini

ES/GAVIÕES E PASSARINHOS

O cineasta Pier Paolo Pasolini, aqui, é conhecido apenas pela sua obra *O Evangelho segundo São Mateus*, obra recebida com entusiasmo ou frieza, porque não permite a conhecida «virtude está no meio». Romances, poesias, roteiros e os próprios filmes de Pasolini revelam um mundo decadente e desesperado, que o esteta cheio de amargura gostaria de destruir. O homem é sempre o mais importante para Pasolini. Para ele se dirige todo o seu interesse. Contudo, sua visão é franca, sincera, sem piedade, quase cruel. Ele mesmo é quem o diz:

«Um poeta muitas vezes é impiedoso, é cruel. Nem sempre o amor se revela nas aparências humanistas de fraternidade e de doçura. Muitas vezes, ele tem uma visão extremamente cruel. Se gosto ou não dos meus personagens, isso só se pode deduzir da maneira como lhes dei forma, e não da sua estória. Se consegui expres-

sar em *Accatone* o que desejava, a grandeza épico-religiosa dos miseráveis, e se cheguei a isso através do próprio estilo do filme, do ritmo da narrativa, do ambiente em que mergulho os personagens, da maneira como os movimento, da luz, do sol, somente assim terei provado que os amo. Se não o consegui, isso significa que meu amor foi frágil e insincero. Mas não creio que deva procurar o amor em algumas tentativas soltas e destacadas de apresentar a salvação aos meus personagens. A salvação está no estilo. Se tiver errado estilisticamente, saberei então que meu amor não foi inteiramente sincero e que daqui em diante preciso esforçar-me por amar ainda mais» (Colóquio com os estudantes do Centro Sperimentale di Roma.)

Com uma lógica inexorável, Pasolini divide a humanidade em dois grupos: o subproletariado, os *esurientes* (os passarinhos) que nunca ouviram falar da salvação

e nunca deixaram a era pré-histórica; e os ricos, os burgueses, os *divites inanes* (os gaviões), cuja marcha para o bem-estar toma o rumo de uma tecnificação que os lança em nova pré-história, mais primitiva e mais asfixiante do que a do subproletariado. Mais asfixiante por ser artificial e estéril: os ricos nunca compreenderam a salvação.

E continua Pasolini: «Minha mundi-visão, no fundo, é sempre épico-religiosa. E sobretudo para as pessoas humildes dos meus filmes, que vivem fora de qualquer consciência histórica e civil, esses elementos épico-religiosos têm um papel muito importante. A miséria é sempre épica na sua essência profunda. Sua psicologia é, em certo sentido, sempre pura, porque inconsciente e, portanto, autêntica e essencial. Essa maneira de ver os pobres, o subproletariado, vem à tona não só na minha música mas também no estilo dos meus filmes» (l.c.).

O filme

Estamos diante de um filme em que todo o episódio e a seqüência toda tem sua significação, embora nem sempre fiquem claras as intenções do seu autor. Seria preciso, pois, ver e rever o filme, várias vezes, coisa que não me foi possível fazer. Ninguém, porém, melhor do que o próprio Pasolini para definir o filme. Disse ele ao *Cahiers du Cinéma*: «Eu não falo da originalidade do meu filme. Seria uma presunção idiota da minha parte. Falo da sua fórmula, que é a de uma fábula com seu sentido escondido. Um conto que, como todos os outros contos, consiste em uma série de provações que os heróis devem superar. Meus heróis em questão parecem não receber recompensa alguma depois de tê-las superado. Nenhum reino, nenhuma princesa os aguarda. Nenhuma fábula propriamente dita jamais termina assim! Outrossim, quanto aquilo que é do ambiente e dos personagens, trata-se de um conto picaresco: as experiências são «au niveau de la rue». Mas o que é picaresco, é em si uma ideologia. E minha fábula, ao contrário, encontra sua ideologia em outro lugar que não no picaresco. Precisamente, numa coisa que contradiz profundamente todo o poético e picaresco. É a fábula que não termina como devia terminar, é o picaresco que não diz o que devia dizer. Eis aqui dois motivos de decepção». (*Cahiers du Cinéma* nº 179, pág. 39)

Enrêdo que não é enrêdo

Temos, portanto, diante de nós uma fábula, um drama político-religioso-social que começa pelos créditos cantados por Domenico Modugno, como convém a um filme sobre pássaros. Vemos Totó e o filho Ninetto andando. Não sabemos donde vêm, nem para onde vão. As estradas são chaplinianas, sem fim... Há encontros sem importância. Há um encontro com rapazes numa festa. Há o encontro do filho com uma moça. Por duas vezes perdem a condução... Mas o que importa é o encontro com o corvo que fa-

la, pergunta, raciocina, e não obtém resposta alguma dos dois. O corvo cansado de monologar mostra então os fatos. Fatos do passado, do século XII. Nesta segunda parte vemos pai e filho transformados em frades da ordem de São Francisco, que os manda pregar o amor divino e amor fraterno aos passarinhos. Eles começam pelos gaviões que ouvem com respeito e interesse, mas não reagem de maneira alguma. É preciso então falar com os passarinhos, mas esses nem ouvem. Apenas quando o pai viu o filho brincar de amarelinha, saltitando, compreendeu que falar aos passarinhos só será possível vivendo à maneira deles. Portanto, também saltitando. Só assim, os passarinhos aceitariam a mensagem. Na terceira parte, outra vez transportados para o século atual, vemos um gavião cair por sobre um passarinho para esmagá-lo. Assistimos ao enterro de Togliatti, o líder comunista italiano, com os sinais da cruz e água benta das beatas. Em seguida, Totó assume o papel de gavião, frente a sua inquilina pobre que não tem dinheiro para pagar o aluguel da casa. Totó, por sua



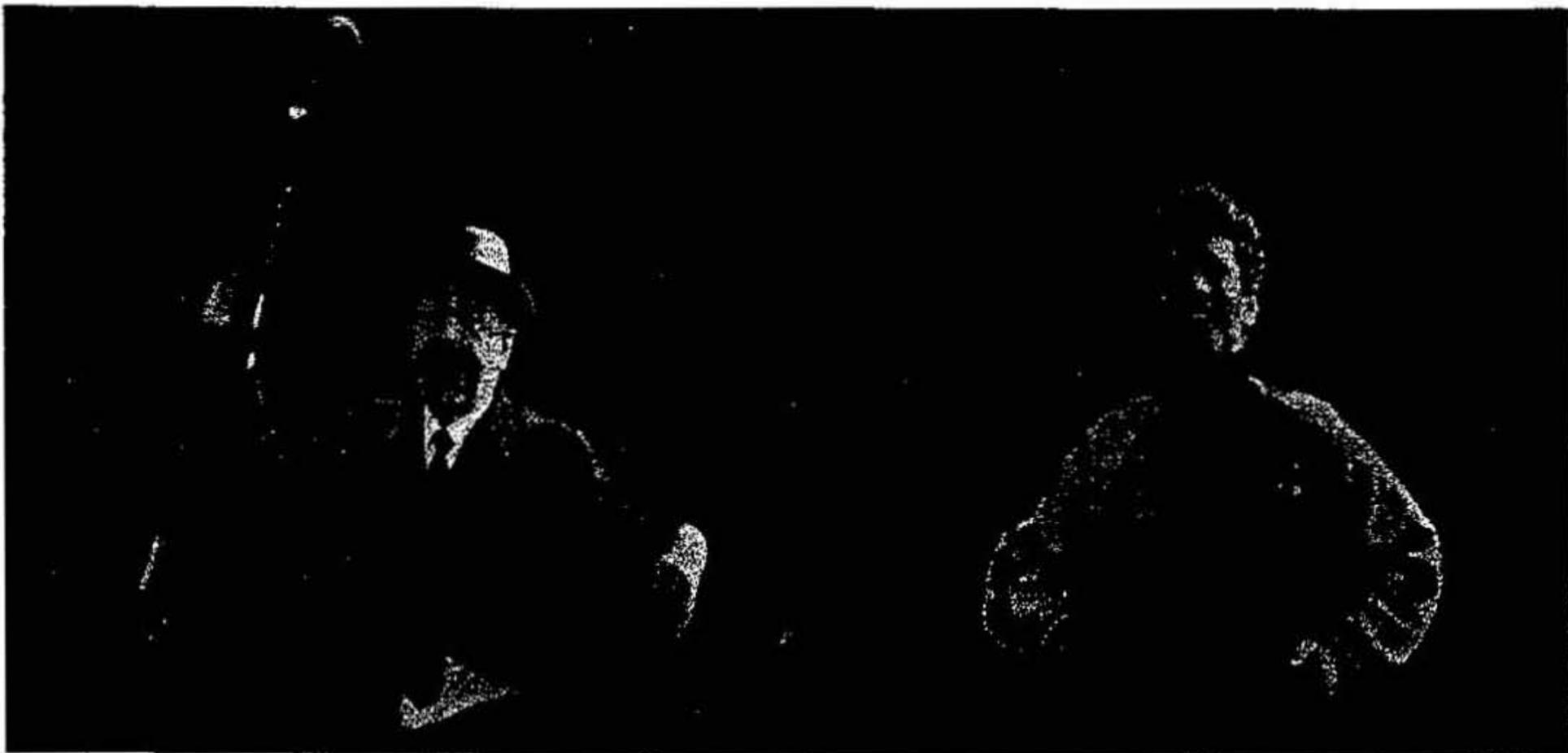
vez, é oprimido e dominado por dois cães enormes de um ricoço, de quem ele também é devedor. Há ainda a escapulida dos dois com uma prostituta na estrada. Há o encontro com os artistas de um circo ambulante e o nascimento de uma criança. E o corvo continua falando... As verdadeiras doem. Por isso, os dois pegam o corvo e comem-no. Então continuam caminhando, caminhando... até onde?

A temática do filme

É novamente Pasolini que nos fornece uma chave para descobrir a temática do filme: «Jamais abordei num filme tema tão explicitamente difícil como esta crise do marxismo da resistência, poeticamente situada antes da morte de Togliatti — uma crise vista e sofrida por um marxista do interior, mas um marxista que não está absolutamente disposto a acreditar que o marxismo acabou. O bom corvo diz: «Não choro sobre o fim das minhas idéias, porque virá certamente alguém para levantar a minha bandeira e levá-la para frente! É sobre mim mesmo que choro» (l.c.) O marxismo não estará acabado na medida em que souber aceitar as novas realidades esboçadas no filme: o escândalo do terceiro mundo, os chineses e, sobretudo, a imensidade da história humana e do fim do mundo com toda a religiosidade que lhe é implícita. Isto forma outro tema do meu filme.» (l.c.)

SSARINHO

OS DOIS PEGAM O
CORVO E O DEVORAM



É entre esses dois pólos que se movimenta o filme de Pasolini. O corvo sábio que se assentava à mesa de Edgar Allan Poe, tornou-se o raciocínio marxista que critica o próprio marxismo e aquele **catolicismo geográfico** de que fala Federico Fellini, e que Pasolini e tantos outros italianos ainda possuem, e do qual não sabem desligar-se definitivamente. As alusões à Igreja, à Bíblia e aos discursos de Paulo VI são várias. São Francisco fala aos dois frades com as palavras de Paulo VI proferidas na ONU. Pasolini critica a falta de diálogo da Igreja com a Igreja-povo, aquele conjunto dos simples como passarinhos. Somente saltitando como eles, fora da belíssima Igreja de Toscana (símbolo do triunfalismo!), Totó será entendido.

O episódio de Totó e a pobre inquilina é visivelmente inspirado em Mateus 18, 21-35, passagem em que certo rei perdoa uma grande dívida a seu servo, enquanto o servo não perdoa uma pequena dívida ao companheiro. Nesta seqüência faz o paralelo entre Mao e a China: a mulher de joelhos avançando em passos muito curtos, tendo como fundo sonoro, a música chinesa. Ainda na mesma seqüência o «escândalo do terceiro mundo», onde as crianças choram e a mãe lhe responde que ainda não raiou o dia,

pois «se raiar o dia, as crianças acordam e pedem comida». São três visões magnificamente condensadas em imagens simples e expressivas. E Pasolini volta à Bíblia com a ilustração de uma outra passagem que lhe é particularmente cara: Cristo açoitando os vendilhões e expulsando-os do templo (Lucas 19, 45-47). É a seqüência em que Totó, tido como santo, cria logo o mercantilismo que costuma acompanhar o culto dos santos. É «a marca de um catolicismo onipresente que permaneceria indelével, qualquer que fosse a sua opção existencial» (F. Ferreira, em «O Globo»).

E há ainda o indelével otimismo italiano, a fé na vida que sempre recomeça oferecendo novas possibilidades de realização e de felicidade: é a seqüência bem feliniana dos artistas de circo, onde o nascimento de um novo ser humano é festejado com fogos de artifício e com música.

Tôdas estas coisas saltam aos olhos do espectador, mesmo vendo o filme uma só vez. Os mistérios, porém, permanecem. Qual é a verdadeira significação do corvo que é comido? os simples de coração desprezam a inteligência? ou, comendo, assimilam o espírito? Ou é Pasolini rejeitando suas próprias idéias de **marxista do interior**? Pela entrevista que se acha no **Cahiers** a última hipóte-

se me parece mais plausível, pois que Pasolini ficou profundamente impressionado com a mensagem de amor de João XXIII, a quem dedicou seu **Vangelo**. Face a um racionalismo que deseja transformar em ciência a fé no amor e na justiça, Pasolini quis testar, na prática, esta mensagem de amor. Pai e filho matam o corvo do racionalismo. E assim, livres de um intelecto que quer explicar tudo, sustentados pelas palavras de João XXIII, falando e entendendo a linguagem dos pássaros, caminham livremente para o fim...

Resta apenas mencionar a bela interpretação de Totó tantas vezes injuriado por suas comédias baratas. Pouco antes de morrer, como Víctor Sjöström em **Morangos silvestres**, fez ele o grande papel de sua vida. E o fez com muita honra!

PADRE GUIDO LOGGER

VONTADE DE PODER:

“O que eu anuncio é a história de dois séculos que não de vir, o advento do niilismo. Toda nossa civilização (...) está num estado de espera angustiada; ela caminha, de década em década, para a catástrofe, com um movimento irrequieto, irresistível, cada vez mais acelerado, como um rio que corre para seu termo, que não reflete mais, que teria o horror de refletir”



A. MALRAUX

KAFKA - A. GIDE

SAGAN



A ANGÚSTIA E A MORTE DE DEUS E A RESSURREIÇÃO DA CARNE

ESPANTA-NOS a lucidez destas palavras de Frederico Nietzsche. A história dos últimos 50 anos foi a confirmação deste vaticínio. As duas grandes guerras, o esmagamento dos valores, o fenecer dos ideais lançaram o homem na vertigem de um abismo pavoroso que o afundou no desespero. A experiência da vacuidade das coisas o desiludiu. Os enigmas do futuro, diante da ameaça-cósmica, fizeram-no cair, por assim dizer, em pânico, no pânico da noite total...

Sobretudo a Segunda Grande Guerra apagou as últimas chamas das ilusões reinantes. O pós-guerra 1918 fôra, para muitos, a euforia e o desabafo. O pós-guerra 1945, para quase todos, o abraço com o desespero, com a grande angústia. Lembra-nos aqui o oráculo do profeta: «Uma voz se ouviu em Ramá; lamentos e amargos soluços. É Raquel que chora os filhos, recusando ser consolada, porque eles já não existem» (Jer 31,15).

A autodemissão progressiva da cristandade medieval é uma longa história. É fácil lembrar a grande e longa caminhada que nos levou da tímida dúvida à negação total; da negação total à revolta blasfema; da revolta blasfema, enfim, a essa angústia que dilacera... Há todo um contexto histórico, que se vai encadeando a partir do Renascimento e da Reforma, para explicar as raízes deste câncer brutal. O advento da

Idade Moderna, com seus lados positivos e negativos, tudo o que ela nos trouxe, e nos arrancou também, constitui o pano de fundo das considerações que desejo fazer em torno de certos aspectos da literatura contemporânea.

Com efeito, tudo — dúvida, negação, revolta, angústia — na literatura das últimas décadas acumula-se em um precipitado crescente, diríamos mesmo, em estertores de agonia final. A história literária de quatro séculos tudo aqui amontoou, preparando um desfecho enigmático.

Entretanto (de modo algum somos pessimistas), começa a avolumar-se já, em contraponto, uma espécie de brado que tem o som saudoso, anterior, quase, no dizer de São João (Apoc 1,15), «como o marulhar de muitas águas» fecundadas pelo Ministério de uma outra Noite... «E a noite — no dizer do Salmista — como se fôra luz, me há de envolver» (Sl 138,11).

A ANGÚSTIA E A “MORTE DE DEUS”

Proclamada por Nietzsche, a morte de Deus (expressão que se comprazia em repetir) constitui o fundamento do humanismo pagão de toda a época moderna, a raiz mais profunda da angústia

que a atormenta. Pois há, como veremos, uma angústia que se fecha em si e outra que se lança para além do desespero. E a que se fecha em si tem, como a outra, embora velada, sua dimensão religiosa. A razão disto é que, inconscientemente, mesmo sem o querer ou suspeitar, o homem será sempre um eco ou, como diz a Escritura, uma imagem de Deus. Ora, «desde que não há mais Deus — segundo confessa o próprio Nietzsche — a solidão tornou-se intolerável».

Ateísmo sempre houve, em todas as épocas da história. Mas o ateísmo postulatório, na expressão de Max Scheler, é uma ocorrência característica do mundo contemporâneo. Pois a negação de Deus se apresenta aqui, inelutavelmente, como o pressuposto para qualquer afirmação do homem. Como acontece no projeto marxista, por exemplo, o ateísmo seria a primeira condição para o verdadeiro humanismo, a pedra angular da civilização de amanhã: a civilização definitiva.

E ainda não é tudo. Não basta negar a Deus. Seria já responder, embora negativamente, a um problema pôsto. É necessário mais: superar até mesmo essa negação e afastar, como tenta Heidegger em sua filosofia da existência, qualquer possibilidade de colocar o problema. Para honra e brío da humanidade, é preciso que ela se acostume a não contar com Deus.

E por quê? Porque — como pensava Kerler — «mesmo se me pudessem provar matematicamente que Deus existe, não quero (sic) que Ele exista, porque assim Ele me limitaria na minha grandeza». Eis aí toda a rudeza do espírito — por que não dizer? — satânico desse humanismo ateu.

Trata-se pois de construir um mundo novo sobre tais bases: Deus está morto. O reino do homem começa. «É preciso — promulga Nietzsche — que o homem superior se ponha à obra...»

É fácil, e ao mesmo tempo doloroso, para quem crê, imaginar a derrocada de uma aventura como essa. Oh, grandeza e miséria — seria o caso de dizer — de uma humanidade que nasceu para a glória, mas que sozinho não percebe o sentido das suas mais íntimas vibrações, nem por que se inquieta tanto por uma afirmação! É conseqüente, pois, que a vaidade de uma tal empresa tenha por termo aquilo mesmo que já proclamava em 46, pouco depois do barbarismo da Segunda Guerra Mundial, o poeta alemão Borchardt: «Nós somos a geração sem laço e sem profundidade. Nossa profundidade é o abismo... Nós somos a geração sem felicidade, sem lar e sem adeus...» Realiza-se, aqui, a noite cósmica, a noite total de que falará Heidegger.

Nietzsche é portanto o inspirador maior de toda a angústia no mundo dos homens, como foi também o primeiro a ferir, no mundo da cultura, o tema estranho, paradoxal, da morte de Deus. Daí porque o seu espírito se encontra, também, na filosofia existencial que se proclama atéia. O niilismo, anunciado com sublimes acentos por Zaratustra (Assim falou Zaratustra) é, naturalmente, o sombrio companheiro de quem se enclausura na negação de Deus. Entretanto, como observa Moeller, muito antes do existencialismo propriamente dito, o niilismo se revestiu de gravidade e dignidade entre alguns poetas franceses e alemães, como Rilke, Kafka e Valéry. Aqui se unem a literatura e a filosofia. «Durante o século da noite cósmica — indica o próprio Heidegger — o abismo do mundo deve ser experimentado e afrontado. Mas para isto é necessário que apareçam aqueles que o atinjam.» É esta experiência que se revela no fundo de muitos dos escritos literários contemporâneos.

Tendo porém que nos limitar, visitaremos:

- a angústia que se volta para um pessimismo mais ou menos duvidoso, em Kafka e Malraux;
- para um pessimismo radical, ora de tipo resignado, como em Gide, ora revoltado, como em Camus;
- final, em Sartre e Sagan, ele se apresenta com um colorido embotado, oscilante e impreciso.

No fundo de todos, a angústia.

O pessimismo duvidoso

1. Franz KAFKA, judeu nascido em Praga, alemão de origem
2. André MALRAUX, francês, nascido em 1901

Kafka é um desenraizado, e os seus escritos refletem esta sua condição. Os seus mitos não representam, como na literatura clássica, a ação eterna das forças divinas, ou a força do herói opondo-se às potências demoníacas, mas a impotência como tal, a angústia do homem em busca de uma resposta e de uma pátria. Vislumbra-se em sua obra a existência possível desta pátria, mas nunca se faz acessível aos personagens que criou.

Malraux concebe a essência do homem como angústia e fraternidade. Há em suas obras a presença de uma esperança. Mas de uma esperança, diríamos, sem objeto. De uma esperança do Nada. Por isso julgamos muito feliz a fórmula encontrada por Moeller para descrever a obra de Malraux cotejada com a produção de Franz Kafka. Assim diz Moeller, enquanto a obra de Kafka será a «terra prometida sem esperança», a de Malraux se manifesta como a «esperança sem terra prometida».

Difícilmente se encontram vestígios em Kafka do homem nietzscheano. Em Malraux, ao contrário, Deus se reduz a um mito: o que resta é o homem a enfrentar o destino. No mais profundo da condição humana existe a angústia, o senso de que o real é inexistente, que tudo é vão, mas existe também, de outro lado, a esperança, a ligação com uma certa corrente, a submissão ao tempo. A arte é a grande vitória do homem sobre o Destino...

A. CAMUS



O pessimismo resignado e revoltado

1. André GIDE, francês (1869-1951)
2. Alberto CAMUS, francês (1913-1960)

O humanismo gideano é fundado sobre a promoção estética do homem. Gide cedeu à tentação do Maligno, que lhe apresentava uma certa forma de «equilíbrio feliz», como o ideal da arte e da vida. Para ele, o brado de Cristo, ao morrer, foi a experiência de um desespero absoluto.

Camus ignora a religião cristã. Jamais se preocupou seriamente com o problema de Deus. A sua incredulidade é um ponto de partida, uma recusa inicial. Reconhece-se nele uma certa lealdade, que o leva a dar à morte dos justos um valor de redenção. Há porém uma falsa lógica na sua posição. O próprio Sartre o acusa de incoerência, numa polêmica hoje célebre: como poderia ser um revoltado quando não existe Aquêl contra quem se revolta?

A oscilação no pessimismo

1. Jean-Paul SARTRE, francês, nascido em 1905 (filósofo, romancista e teatrólogo)
2. Françoise SAGAN, francesa, nascida em 1935

Deixando de lado a autora do *Bonjour, Tristesse!*, F. Sagan, de menor interesse, vejamos alguma coisa sobre o discutido filósofo e dramaturgo J. Paul Sartre. Em Sartre o ateísmo é fundamental. Diz ele que o existencialismo «não é mais que um esforço para tirar todas as conseqüências de uma posição atéia coerente. Não procura esta posição mergulhar o homem no desespero. A não ser que se entenda por desespero qualquer atitude de incredulidade. Então, o existencialismo parte do desespero original». O homem deve ser livre e criar seus próprios valores.

O que choca em Sartre é a ausência de inquietude. De toda inquietude manifesta. Enquanto para muitos a perda da fé em Deus é algo *déchirante*, para Sartre é a mais natural das conseqüências. Entretanto, as suas obras mais recentes deixam transparecer, como disse um crítico belga, a obsessão do «cadáver de Deus».

A angústia da negação, para quem sabe ver, é sempre um testemunho positivo. Basta que o testemunhe o próprio Heidegger, que tomou sobre si a tarefa de justificar sem Deus a angústia dos homens, segundo o que antes já dissemos. A maioria dos autores que estudaram sua filosofia viu refletida nela, malgrado seu, uma atração principal por temas religiosos. Jean Wahl, que não é de modo algum suspeito, constata simplesmente: «Há nela uma nostalgia e um eco religioso.» E A. Waelhens, por sua vez, ao tirar suas conclusões de um estudo da filosofia heideggeriana: «Poderá haver hoje um pensamento anti-cristão ou acristão; não seria possível haver qualquer experiência existencial estranha ao cristianismo.» A literatura contemporânea comprova em plenitude esta verdade. «O discurso sobre Deus não perde sua essência religiosa, quando ele aparece como um discurso sobre a ausência de Deus» — diz magnificamente E. Levinas, citado por Moeller. E acrescenta: «O que une a filosofia existencial à teologia (que não pode ser limitada à dogmática de uma religião positiva qualquer) é antes de tudo seu objeto, a existência, fato senão teológico, ao menos religioso.»

Històricamente, também, toda a orientação da filosofia existencial, em suas origens, vem de Kierkegaard, aquêle famoso protestante dinamarquês, obcecado pela experiência religiosa de Abraão (cf. *Temor e Tremor*, Liv. Exposição do Livro, São Paulo, 1964), cujo pensamento está espontânea e profundamente marcado pelo cristianismo. Para êle, por exemplo, existir é sofrer necessariamente o desespero e a angústia, ligados ambos à realidade e à possibilidade do pecado e da culpa. Podemos afirmar mesmo que Kierkegaard procurou, por assim dizer, coincidir com a experiência de Abraão relativa à fé, vivendo o que êle chamava o paradoxo de sua realidade. Pois seria mais exato, e também mais profundo, dizer que a experiência de Cristo na cruz, tão mal compreendida por André Gide, como também a experiência de Abraão, é o ponto de partida para a compreensão justa da verdadeira esperança teológica. A libertação do desespero, com efeito, que o diálogo com Deus proporciona, não é a ausência absoluta de toda inquietude.

logo com Deus nos proporciona, não é a ausência absoluta de toda inquietude

A ANGÚSTIA E A RESURREIÇÃO DA CARNE

Nietzsche foi o profeta do niilismo e da angústia. Quem pois nos salvará de Nietzsche? «Quem me salvará dêste corpo de morte? Homem infeliz que sou!» — como disse São Paulo escrevendo aos Romanos (7,24). E adiante: «Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, Nosso Senhor!» (v. 25).

— Quem pois nos salvará de Nietzsche?

— PÉGUY, responde H. De Lubac. Enquanto Nietzsche, com efeito, é o profeta da ruptura, Péguy é o profeta da fidelidade. E enquanto para nos encadear no carro titubeante de seu Dionísio, acha-se Nietzsche cada vez mais arrastado a maldizer a cruz de Cristo, Péguy mostra em Jesus aquêle que recolhe todo o trágico antigo, para transfigurá-lo:

A sua herança era o terror trágico...

A sua herança a piedade trágica,

Daí brotou a caridade ardente.

A autodemissão da cristandade de que antes falamos é, podemos dizer, o fato maior em que encontramos a explicação mais profunda de quatro séculos de desca-minhos, de dúvida, de negação, de revolta — que foi a história da humanidade, a partir da Renascença.

Por que um Camus, por exemplo — e tantos outros que êle representa, é claro — foi incapaz de distinguir, verdadeiramente, a Igreja, ou de ver nela outra coisa fora dos compromissos temporais? O que lhe faltou, conclui Moeller no seu inventário do escritor de *Le Malentendu*, o que faltou ao Camus de *L'Homme Révolté* foi ver, atrás dos pecados dos cristãos da Igreja, a fé, o testemunho dos santos, que são também da Igreja. O drama do humanismo ateu convida, por isso, todos os cristãos a um exame de consciência, não qualquer, mas que resulte numa conversão. Estes cristãos somos nós, se é que conservamos a fé — digo, propositadamente, conservamos. Pois ela é um dom e um com-serviço. Não somos nós que a possuímos, ninguém possui. Antes, é ela que nos possui para darmos dela testemunho aos olhos de todos: «... para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus» (Mt 5,16).

Ora, a realidade do mundo moderno começou muito antes da Renascença, se quisermos ser justos. Isto é: na alma envenenada de uma cristandade que se decompunha. Agora, devemos dizer também, esta realidade é muito ambivalente. Por mais crua que seja, há sempre um pólo, por onde o mistério da Encarnação encontra o lugar invisível de contato. Quem sabe se não é a provação — ou melhor, como diria a Teologia Mística, a *via purgativa* dos sentidos — que estará no mais profundo da experiência contemporânea do desespero e da angústia? É razoável o que diz Tresfontanes quando, refletindo sobre a situação histórica em que nos debatemos, transpõe para as nações o que São João da Cruz descreveu numa perspectiva reduzida só aos indivíduos: também elas, as nações e os povos da terra, têm que passar pela *noite mística dos sentidos*. Pois é no coração desta noite que renasce, em pureza, a verdadeira esperança teológica. «Na extremidade mais aguda do desespero — diz Julien Green — renasce a esperança que conduz às estrélas...»

Sem sair da literatura, veremos agora como o cristianismo responde à angústia dos homens. A esta angústia que, em última análise, é fome de Deus.

— Fale-nos GRAHAM GREENE (inglês, nascido em 1904), o *mártir da esperança*, como lhe chama Moeller: «Não julgueis o mundo que vos parece abandonado por Deus; porque êle é habitado por Deus» (*).

— Fale-nos BERNANOS (francês, 1888-1948), o *mártir da caridade*, o profeta da alegria (*La Joie*), a repetir-nos: «Se os nossos gozos são muitas vezes terrestres, os nossos sofrimentos são sempre sobrenaturais» (**).

— Fale-nos, enfim, por todos, JULIEN GREEN (francês, nascido em 1900), o *mártir da fé*, que

A libertação do desespero, que o diá-

tem uma lição profunda a comunicar à cristandade — ou melhor, aos farrapos do que seria uma cristandade — lançada muitas vezes no sonambulismo burguês de quem fez um seguro contra o grande Incêndio, aquele que será total, que está para vir, que derreterá a gordura dos ricos e esparramará as trevas primitivas.

Para não nos alongarmos demasiado, reduzimos nosso exame a Julien Green. Quanto a Bernanos e G. Greene, daremos deles algumas referências no final do trabalho, remetendo os interessados à obra fundamental de Charles Moeller.

Tendo vivido o drama de sua vocação sobrenatural com uma agudeza de sensibilidade muito além do normal, a mensagem de Julien Green é, sobretudo, autêntica. Convertido em 1939, enfrenta, como antes de sua conversão, os mesmos problemas morais e espirituais. A volta à fé não muda, aparentemente, nada em sua vida. Tem a impressão de que não está mais bem armado do que antes para resolver seus problemas.

Entretanto, sabe que uma coisa mudou: sua responsabilidade é muito maior. Uma nova profundidade, um novo abismo se abre na alma daquele que escolheu a Deus. Ser cristão — bem o compreendeu Green — não é escolher uma solução cômoda para os problemas da vida, mas abraçar o sofrimento e deixar-se crucificar na cruz de Cristo. Era o próprio programa, expresso aos Filipenses pelo fariseu convertido, que veio a se chamar «Paulo, servo de Jesus Cristo»: «Conhecerei a participação dos seus sofrimentos, conformando-me à sua morte, com a esperança de chegar, se possível, à ressurreição dos mortos» (Filip 3,10-11).

Queremos observar, a esta altura, que o que se diz aqui de J. Green — que poderia parecer referir-se só ao escritor e não à sua obra — está baseado no seu escrito fundamental que é o **Diário (Journal)**, analisado detidamente por Moeller.

Em dois atos, digamos, desenrola-se o drama da vida de Julien Green: a experiência profunda do pecado, no sentido paulino (cf. Rom 7,14-26) e logo — não há neste plano, aliás, cronologia do antes e do depois — o martírio da fé.

G. GREENE



BERNANOS



Vejamos pois: J. Green tornou-se cristão e, precisamente agora, vê-se frente a frente com o pecado. É a maré carnal que se avoluma, são as tentações que aumentam em número e intensidade. Para completar a tragédia, o abandono sensível em que Deus o deixa acaba por dilacerá-lo. É uma verdade dura e terrível que a ascensão à santidade vem acompanhada sempre de um recrudescimento de tentações. E Deus parece abandoná-lo. O sustentáculo porém do pecador é crer na graça de Deus. Mas crer é um verdadeiro martírio. Que o diga uma reflexão profunda sobre a experiência original do «nosso Patriarca Abraão», como diz a Oração Eucarística, isto é, do ancestral e genitor de todos nós.

Ainda mais: o ateísmo em todas as suas formas (cf. *Gaudium et Spes*, nn. 19-20), o ateísmo do mundo moderno — acrescido ainda de um certo clima em que a dúvida é, de algum modo, a opinião geral — isola o cristão na sua fé. Se a isto acrescentarmos a mediocridade da fé da maioria dos crentes, apalparemos a insuficiência gritante desta nossa fé para afrontar as brutalidades da época. Compreenderemos, ainda, por que a apostasia seja planetária. Por que a fé da maioria naufraga... E mais: o isolamento daquele que, não obstante tal atmosfera, continua crendo e a mediocridade de sua fé aumenta ainda com o sentimento crescente de que «Deus se cala». Deus silenciou. Então, quando aparecem as tentações contra a fé, é o paroxismo da angústia do ser cristão.

O drama de Julien Green atinge este calvário. Por isso pode dar testemunho da angústia cristã, do terrível papel que desempenha o cristão no mundo contemporâneo.

JULY - J. GREEN

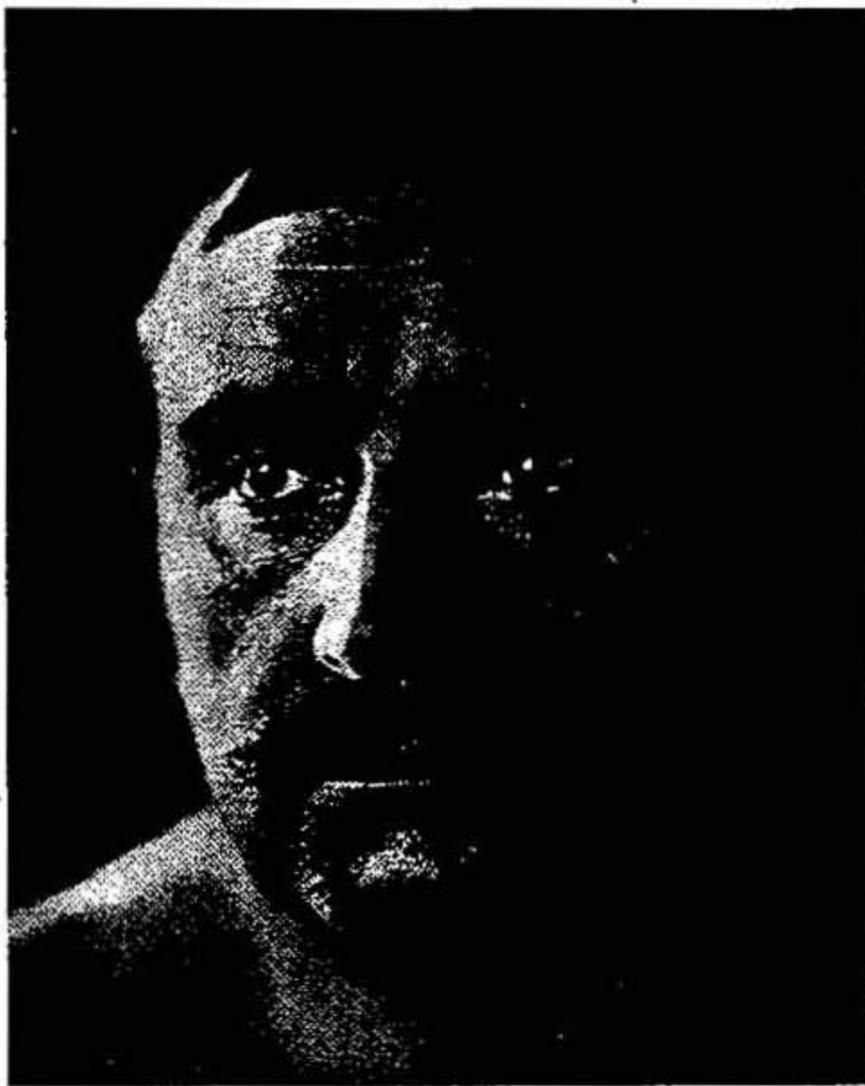


A ANGÚSTIA
DOS
HOMENS

A "com-paixão" redentora na angústia dos homens

A angústia do século nos sacode a nós, cristãos, para a busca de nossa autenticidade. É urgente portanto corrigirmos sobretudo as contrafacções piegas do nosso ser cristão. Porque a esperança, que liberta da angústia e do desespero solitários, não é — permitam-me a imagem — a anestesia geral, acalentada por dengosos querubins assexos. Nem aquela alienação que, entre muitos, Marx condenou, julgando-a talvez, no seu materialismo dialético, como uma «sesta progressiva» em demanda da obesidade. Pois a esperança cristã será como fôr a fé. E a fé que instala não é a fé verdadeira: «Bem-aventurados os que choram...» (Mt 5,4).

É preciso portanto que no seio da paz que tranqüiliza ferva também a inquietação que não instala. Esta é a condição paradoxal da verdadeira esperança, virtude teológica: «Julgais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos, mas separação. Pois de ora em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas, três contra



Os restos e a semente de Paul Claudel

duas e duas contra três; estarão divididos: o pai contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra» (Lc 12,51-53; cf. também Mt 10,34-36). Daí por que entre o otimismo embaalador, que sonambuliza a visão da vida, e o pessimismo degradante, que envenena a sede de perfeição no homem, a religião o equilibra na orientação do seu ser para a plenitude (pela promessa) e, ao mesmo tempo, no inconformismo radical com as forças do mal. «É preciso manter presente no coração da confiança humana a dimensão do desespero. Mas ao mesmo tempo, no fundo do desespero, será preciso que a confiança permaneça.»

Por fim, não escondamos também a possibilidade que há no homem de viver tranqüilamente, mesmo sem uma esperança transcendente. A morte de Gide, humanamente paradisíaca, vem confirmar esta verdade. A incredulidade não está, necessariamente, ligada a uma morte desesperada. Enganam pois os fiéis aqueles pregadores que pintam sempre a morte dos pobres pagãos com tintas de pesadelos infernais; e a morte dos mártires de Cristo ao som de melopéias angélicas e êxtases deslumbrantes. Felizmente — comenta Moeller — Mauriac, Bernanos, Dostoievsky, Graham Greene e também os evangelistas, que narram a morte de Cristo, pulverizaram essas piedosas e vãs caricaturas. Como atrairia um cristianismo desse tipo a um espírito, por exemplo, como o de Malraux, cujo sentido de virilidade é realmente assombroso?...

Meditação em suspense...

Onde se encontraria pois a grandeza do cristianismo? Digo: aquela grandeza forte e humilde posta sobre a rocha? Onde sacudimos o grão de mostarda depositado em nós? Os pássaros da terra não têm onde fazer os seus ninhos. Onde a grande árvore que os devia abrigar? Quem seria, por exemplo, Claudel — o poeta maior — se a revolta lhe brotasse na alma ao receber a recusa daquele primeiro sacerdote que, não o compreendendo, não o quis receber à sombra da maior das hortaliças? (Cf. Mt 13, 31-32; Lc 13,18-19). Hoje — a Deus tudo é possível — dorme tranqüilo sob a sua sombra o autor de *O Anúncio feito a Maria*. E «os restos e a semente de Paul Claudel» (palavras que escolheu ele próprio por epitáfio) aguardam a Ressurreição da Carne...

Enquanto isso, é preciso anunciar aos homens a grande Mensagem. Mas a Mensagem na sua largura e no seu comprimento; na sua altura e profundidade. É preciso, também, dar-lhe testemunho de tal maneira que a angústia dos homens sem fé seja participada pelos que a têm. Mas os que a têm saibam que ela não consiste em fórmulas. Purifiquem em si na dor e na *com-paixão*, a imagem de Deus que se fez carne.

A angústia dos homens de hoje é, portanto, apêlo. O apêlo que vem das profundezas de toda a criação, implorando aos filhos de Deus que o interpretem e vivam de tal maneira que, mesmo na angústia, preanunciem o canto da Ressurreição, no novo céu e na nova terra do «século que há de vir». «Por isso a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus... geme e sofre dores de parto até o presente dia. Não só ela, mas também nós, embora tenhamos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo» (Rom 8, 19,22-23).

PE. JOSÉ SOTERO CAIO

(*) Autor de: *O Poder e a Glória — O Fundo do Problema — O Rochedo de Brighton — O Fim de uma Ligação — Um Americano tranqüilo — Nosso agente em Havana* (veja *Littérature du XX Siècle et Christianisme*, t. I — *Silence de Dieu* — de C. Moeller).

(**) Autor de: *Sous le soleil de Satan — L'Imposture — La Grande peur des biens-pensants — Journal d'un Curé de Campagne — Les Grands Cimitières sous la lune — La Joie — Scandale de la vérité — Les Enfants humiliés* (veja *ibidem*).

BIBLIOGRAFIA

1. Henri de LUBAC, *Le Drame de L'Humanisme Athée*, Ed. Spes, Paris, 1950.
2. M. F. SCIACCA, *A Igreja e a Civilização moderna*, Barcelona, 1954.
3. Idem, *A Hora de Cristo*, Miracle, Barcelona, 1954.
4. A. de WAELHENS, *La Philosophie de Martin Heidegger*, 4.^a ed., Louvain, 1955.
5. Jacques MARITAIN, *Humanismo Integral*, Comp. Ed. Nacional, 1941.
6. Charles MOELLER, *Littérature du XX Siècle et Christianisme*, Casterman:
t. I — *Silence de Dieu* (Camus, Gide, Huxley, Simone Weil, Graham Greene, Bernanos), 8.^a ed., 1959; t. II — *La foi en Jésus-Christ* (Sartre, James, Martin du Gard, Malègue), 6.^a ed., 1959; t. III — *Espoir des Hommes* (Malraux, Kafka, Vercors, Sagan e outros), 4.^a ed. 1959; t. IV — *L'Espérance en Dieu Notre Père* (Anne Frank, Charles Péguy...), 1960. Traduções em português: Flamboyant, Rio de Janeiro.

com suas deduções do imposto de renda para a Sudene v. pode se tornar acionista de importantes e lucrativas emprêsas.

4 projetos selecionados para sua aplicação imediata.

abacô

ASA - ALUMÍNIO S.A. EXTRUSÃO E LAMINAÇÃO

projeto de implantação de indústria considerada



prioritária pela SUDENE.

- valor total do investimento: 62 milhões de cruzeiros novos - aplicação em ações preferenciais, com garantia de 6% (mínimo) ao ano. - "know-how" da American Metal Climax (EUA) e "engineering" da GEXCO (Itália).

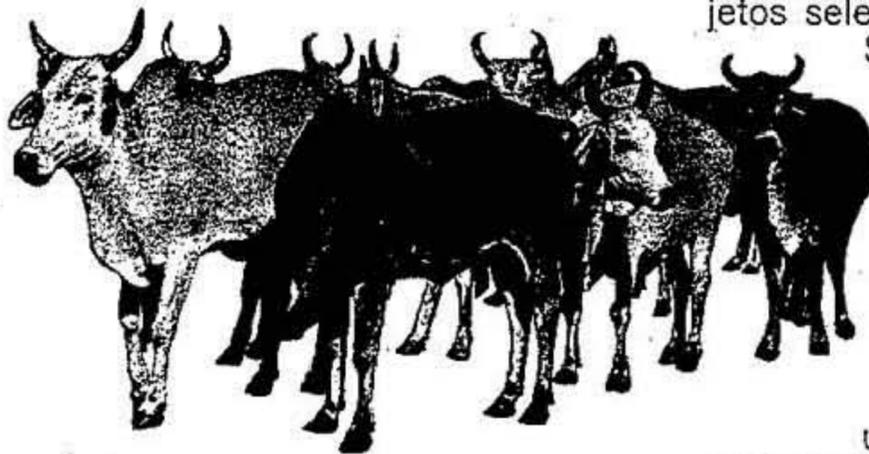
CIA. INDUSTRIAL DE INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

- projeto de implantação de indústria situada na faixa "A" de prioridade da SUDENE.

- valor total do empreendimento: 8 milhões de cruzeiros novos.



- aplicação em ações preferenciais com garantia de 10% (mínimo) a.a. "know-how" do grupo franco-suíço (Cryla S.A.; United Watch Factories, Spiraux Français e outras).



IMASA - IMBURANA AGRO-PECUÁRIA S.A.

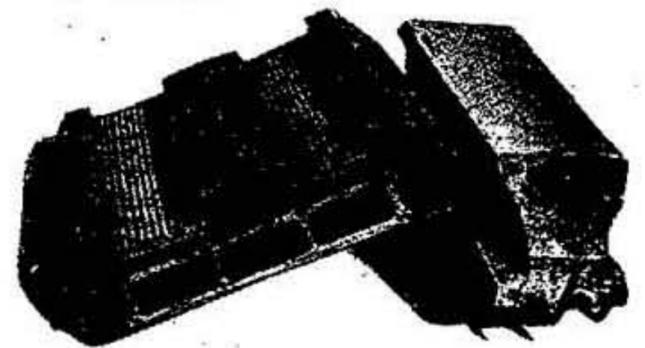
projeto para exploração agro-pastoril (melhoramento de raças e de rebanhos para corte). - investimento total: 560 mil cruzeiros novos. - juros de 12% (máximo) a.a. - liderado por tradicionais pecuaristas do Nordeste.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE LAGES

projeto de ampliação e modernização de parque industrial já existente, para a fabricação de lages pré-moldadas. - investimento total: 2,5 milhões de cruzeiros novos.

Com sua grande experiência e conhecimento do mercado do Nordeste, o Banco Nacional do Norte, através de sua Divisão de Projetos e Assessoria Econômica, está canalizando recursos do imposto de renda (artigo 34/18) para projetos selecionados da SUDENE.

Suas deduções de 1967 e as de 1968 (à medida que forem sendo pagas), podem ser transformadas em ações ou empréstimos lucrativos. Além disso, investir no Nordeste é sempre um bom negócio. E V. pode fazê-lo a qualquer tempo. As ações são nominativas, preferenciais, com boa rentabilidade e participação nas reavaliações do ativo (filhotes). Os empréstimos, além dos juros, são restituíveis depois de 5 anos.



Procure a Divisão de Projetos e Assessoria Econômica do BNN ou qualquer uma de suas agências, onde você encontrará sempre "um amigo na praça".

BNN BANCO NACIONAL DO NORTE S. A.
um amigo na praça

MATRIZ: Recife - DEPARTAMENTOS: Aracaju, Arcoverde, Belém, Belo Horizonte, Campina Grande, Caruaru, Curitiba, Fortaleza, Garanhuns, João Pessoa, Limoeiro, Maceió, Manaus, Natal, Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina, Timbaúba, Vitória e mais 13 agências urbanas.



R. SCHUTZ



UNIDADE, ESPERANÇA DE VIDA, livro de Roger Schutz. Col. Ecumenismo n. 3. Trad. de Irmã Maria Angelita. Livraria Duas Cidades.

O conhecido monge protestante de Taizé baseia-se na exigência de se viver o dia de hoje como vindo de Deus, mas considera também que o dia de amanhã precisa ser encarado sem medo e sempre na linha do bem do próximo.

Anuncia-se uma nova civilização. A atuação de Cristo sobre ela é impedida pela divisão dos cristãos. Cada cristão deve ser conseqüente com sua fé. Por ser a unidade da pessoa a condição da unidade entre os homens, o autor critica a violação de um compromisso solene, seja o do matrimônio ou do sacerdócio. Dividido em si mesmo, o homem o está também com relação ao próximo. Os cristãos, filhos do mesmo Pai, têm a obrigação de tornar verdadeira a última oração de Cristo: — «Que todos sejam um, para que o mundo creia».

Urge descobrir a natureza da civilização que se anuncia: a da técnica e a das massas. O autor expõe o surto do progresso na Rússia Asiática e nos Estados Unidos onde surgem enormes aglomerações humanas em cidades gigantescas como Igarca e Sverdlovsk e Detroit por meio da industrialização moderna possibilitada pela técnica avançada.

Antes, a fé era viva. Mas a técnica veio submeter o senso religioso do homem a fortes tensões que têm provocado rupturas no meio social e familiar. A vida no mundo constitui uma si-

tuação de anonimato ao qual o homem deve resistir, formando em si uma personalidade. A família deve lhe servir de base para o crescimento pessoal. Entretanto, para isso faz-se necessária uma adaptação para a qual a tradição, a escola e os pais, aos olhos dos homens, geralmente, não passam de empecilhos. Ora, é exatamente daí que nascem os conflitos de nossos dias. Juventude e massas humanas aglomeradas são os dois problemas que atualmente desafiam os cristãos.

O autor descreve, em seguida, a situação dos cristãos divididos. Dá a comparação numérica com respeito aos não-cristãos ou não-batizados nas velhas cristandades da Europa e da América do Norte, nas zonas de implantação missionária da África e da Ásia, a primeira com seus problemas nacionais e culturas indígenas, e a segunda com sua minúscula percentagem de cristãos, e estes ainda divididos. Finalmente, descreve a situação na América Latina com seu catolicismo depauperado por causas históricas e demográficas e pela importação dos dois protestantismos, a saber: o das Igrejas históricas e o de origem mais recente norte-americana. O autor critica principalmente estas Igrejas de origem norte-americana por acentuarem na pregação a fé, a cura pela fé, e a oração. Critica, por serem exigentes quanto à moral individual, mas desinteressados quanto às estruturas eclesiais, rompendo assim a continuidade da fé em muita gente de origem católica. Ora, «arrancar os homens de suas confissões é arriscar-se a extraí-los numa situação sociológica em que a graça de Deus poderia movê-los poderosamente».

Qual é nosso modo de presença no mundo vindouro? O autor indica o modo certo de reagir: antes de tudo, formar bem a consciência do homem da técnica. Esta geração nova ama o que é concreto. A Igreja Ortodoxa da Rússia o compreendeu muito bem. Ela declara aceitar a ciência e a técnica da sociedade soviética e só rejeitar a afirmação da inexistência de Deus, a qual, aliás, está fora da competência científica.

O pastor cristão deve libertar-se do medo, se deseja, como convém, incorporar-se à civilização que surge. Deve dialogar no interior da cristandade e evitar a divisão de forças.

Quanto à necessidade da justa repartição dos bens materiais, escutemos e façamos nossas as declarações de alguns padres da Igreja: «Tudo o que Deus criou nos foi dado para o bem comum» (São Cipriano). «A natureza gerou o direito comum, e a usurpação criou o direito privado» (Santo Ambrósio).

«É provável que a raiz e a origem dos vossos bens, herdados dos seus pais e antepassados, sejam manchados pela injustiça» (São Crisóstomo).

Nem o sistema feudal da Idade Média, nem o sistema liberal do século XIX escapam a estas críticas e manchas.

Hoje em dia, o desequilíbrio sempre crescente entre indivíduos ricos e pobres, entre grupos ricos e pobres, como também entre povos ricos e pobres, clama ao céu. As encíclicas dos papas atuais o atestam.

Procuremos a paz entre os homens. Santo Ambrósio diz: «Começa em ti mesmo a obra da paz, a fim de que possas levá-la aos outros.»

Isto vale em primeiro lugar para os cristãos, separados ainda por uma linha de demarcação. Como pode o cristão guardar o ódio dentro de si, enquanto fora a boca professa amor para com todos os homens? O mundo deseja santos. A Igreja precisa da renovação e do abandono das lutas confissionais. A união não se faz pelo triunfo de uns sobre os outros. Somente juntos podemos ser fermento na massa. Não olhemos para trás. Sigamos a luz de Cristo, pois o cristão deve ser o portador de Cristo e comunicar discretamente a presença de Deus, «para que o mundo creia...»

Padre Suíberto Mooy ss. cc.

Editôra **AGIR**, Rio:

CHENU-M. D. — *Santo Tomás de Aquino e a Teologia*, 1967, 192 pp.

CORÇÃO, Gustavo — *Dois Amores, Duas Cidades*, I e II vols., 284 e 414 pp., 1968.

RAYMOND, G. Allison — *A outra metade do mundo*, 1967, 240 pp.

Editôra **HERDER**, São Paulo:

BESSELAAR, José van den — *Introdução aos estudos históricos*, 3ª edição revista e ampliada, 1968, 346 pp.

BÜGGENHAGEN, Arnold von — *Alemanha científico* (primeiros passos). 1968, 276 pp.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène — *Amor e Liberdade* (ensaio de moral conjugal), 1968, 310 pp.; *Moral conjugal no século XX*, 2ª edição, 1968, 296 pp.; *Noivado*, 3ª edição, 1968, 268 pp.; *Pais e filhos* (diálogo sobre o amor), 2ª edição, 1968, 74 pp.

HARING, Bernhard — *Matrimônio em nosso tempo*, 2ª edição, revista de acordo com as novas orientações do Concílio, 1968, 556 pp.

HIRSCHBERGER, Johannes — *História da Filosofia Contemporânea*, 2ª edição, tradução e prefácio de Alexandre Correia, com apêndice sobre a Filosofia no Brasil por Geraldo Pinheiro Machado, 1968, 320 pp.

PIEPER, Josef — *Que é filosofar? Que é acadêmico?*, 1968, 114 pp.

RAHNER, Karl — *A Antropologia: problema teológico*, 104 pp.

RAHNER, Karl, e RATZINGER, Joseph — *Revelação e Tradição*, 1968, 60 pp.

RICHTMANN, SJ, Flodoaldo Proença — *O sentido da cultura cristã* (uma pesquisa histórico-sociológica), 1968, 148 pp.

SCHOONYANS, Michel — *O desafio da secularização* (Subsídios para uma prospectiva pastoral), 1968, 320 pp.

VÁRIOS — *Princípios de Psicologia*, 1968, 456 pp.

COLEÇÃO CAIROSCÓPIO: Humanismo e Técnica, por Egmond Hiller, 1968, 94 pp.

Introdução à Bíblia, Novo Testamento, III e IV, 358 e 528 pp., 1968, sob a direção de A. Robert e A. Feullet.

Ed. PAULINAS, São Paulo:

DUBOIS, Marguerite — *Gerações em conflito*, 120 pp.

ENZLER, Clarence J. — *Cristo, minha vida*, 244 pp.

FERET, H.-M. — *O Apocalipse de São João* (Visão cristã da história), 264 pp.

GARDINI, Walter — *Catolicidade e unidade em São Paulo*, 222 pp.

HOESL, Paula — *Meu belo amor*, 144 pp.

MAY, Julian — *Há aventura na química*, 160 pp.

MISSENARD, André — *A procura do homem*, 328 pp.

SOUZA, CSSR, Geraldo Pires de — *Elas na Bíblia* (Espôsas e Mães no Antigo Testamento), enc. ilustr. color., 252 pp.

WILSON, Alfred — *Reconciliação e Paz*, 288 pp.

VÁRIOS — *Santidade e vida no mundo*, 288 pp.

CRIANÇAS E JESUS, ilustr. color.: 6 — *O filho pródigo*; 7 — *O Filho de Maria*; 8 — *O dia de ramos*; 9 — *Apascenta meus cordeiros*.

OS GRANDES ROMANCES DO CRISTIANISMO: A lança (Lenda do legionário romano Longino), 280 pp.; *O Mensageiro do Rei* (São Paulo), 336 pp.; *Atila* (O flagelo do Oriente), 160 pp.; *A rede dourada*, 296 pp. Todos da autoria de Louis de Wohl.

OS PEQUENOS E A BIBLIA, ilustr. color.: 7a — *Isaac* (o filho da promessa); 7b — *Jacó* (o homem que lutou com Deus); 12 — *Moisés* (o grande condutor); 13 — *Moisés* (o homem da aliança).

TEMAS DA ESPIRITUALIDADE: Eu sou o caminho, de André GROS, 136 pp.; *Aspectos bíblicos do mistério da missa*, de D. Hilaire DUESBERG, OSB, 112 pp.; *A pedagogia do Espírito Santo*, de L. J. CALLESN, OP, 112 pp.

Ed. VOZES, Petrópolis

BABIN, Pierre — *Pureza*, tradução e adaptação a cargo do ISPAC-Rio, fichas de catequese para jovens 14-16 anos: um caderno para o aluno e outro para o educador.

BACK, Eurico — *O coelho e o sapo*, ilustr. color., 1968, 48 pp.

BELTRÃO, Luiz — *As sombras do ciclone* (romance), 1968, 240 pp.

DUMAS, Francine — *A dialética Homem-Mulher no mundo atual*, 1968, 160 pp.

JANSEN, Fons — *Amor* (em busca de uma mentalidade cristã no namoro e no matrimônio), 1968, 176 pp.

JOSAPHAT, Frei Carlos, e P. de Oliveira, OP — *Estruturas a serviço do Espírito* (Reflexões sobre a evolução histórica e a atual reforma das instituições eclesásticas), 1968, 104 pp.

LUTERO, Martinho — *O Magnificat*, com prefácios do Cardeal Martin e de Roger Schutz, 1968, 112 pp.

MARTINAZZO, Euzébio — *Teilhard de Chardin* (Ensaio de leitura crítica), 1968, 240 pp.

PARENTE, Letícia Tarquinio de Souza — *Química* (um estudo sobre a profissão do químico), 272 pp.

SHEEN, Mons. Fulton J. — *O Calvário e a Missa*, 4ª edição, 1960, 80 pp.

TÓRRES, João Camillo de Oliveira — *A extraordinária aventura do homem comum*, 1961, 128 pp.; *Educação e Liberdade*, 1958, 112 pp.

ZAVALLONI, OFM, Frei Roberto — *A liberdade pessoal* (Psicologia da conduta humana), apresentação de Fr. Ag. Gemelli, 1968, 400 pp.; *Prospectivas pastorais de J. B. Montini*, 1968, 224 pp.

VÁRIOS — *A religiosa e as comunidades humanas*, apresentação do Mons. Garrone, 1968, 136 pp.; *Bens temporais numa Igreja pobre*, 1968, 88 pp.; *Ensino, Educação, Cultura* (Coleção de textos conciliares), 1968, 136 pp.; *Introdução à Bíblia, enc.*, sob a direção geral do Pe. Teodorico Ballarini, OFM Cap., trad. com notas atualizadoras e acréscimos por Frei Simão Voigt, OFM, 1968, 288 pp.; *Odontologia* (alguns aspectos da odontologia brasileira), 176 pp.

CATEQUESE E EVANGELIZAÇÃO: Cristo me chama para construir minha personalidade, pela Irmã Sílvia Villac e uma equipe, publicação do ISPAC, 1968, 144 pp.

CATEQUESE E FAMÍLIA: 6 — *Pais cristãos: preparação à missa*; **7** — *Pais cristãos: primeira comunhão*; publicação do ISPAC, 16 pp. cada.

DIALOGO DA RIBALTA: 30 — *Já é manhã no mar*, por Maria Jacinta, 1968, 144 pp.

DOCUMENTOS CELAM: 2 — *A Pastoral das Vocações na América Latina* (Conclusões e Síntese Doutrinal do I Congresso Latino-Americano de Vocações, Lima, 20-26 de novembro de 1966), 64 pp.; **9** — *América Latina: Ação e Pastoral Sociais* (Conclusões de Itapôá — texto complementar às Conclusões de Mar del Plata), 1968, 48 pp.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS: 176 — *Enc. Humanae Vitae*, de Paulo VI, e outros documentos sobre a regulação da natalidade, 2ª edição, 1968, 48 pp.

MEDICINA PASTORAL CATEQUESE: 1 — *Pastoral dos Enfermos ou Pastoral da Saúde?*, por Irmã Violeta Padin, 1968, 128 pp.; **2** — *Celebrações em hospitais e escolas de enfermagem*, Ir. Violeta Padin, 112 pp., publicação do ISPAC.

MINIPALCO: 1 — *Um mais um não são três*, por Odaléa de Queiroz Cunha, 1968, 64 pp.

NOVO TESTAMENTO (Comentário e Mensagem): **12** — *A Epístola aos Colossenses*, comentada por Franz Mussner, 1968, 168 pp.

PASTORAL FAMILIAR: 7 — *Mulher Presença I*, vários autores, publicação do Departamento Regional de Família, CNBB, 1968, 144 pp.

PASTORAL DA SAÚDE: 3 — *Evangelização do enfermo*, pelo Pe. Anísio B. de Queiroz, 1968, 64 pp.

SOCIOLOGIA E PASTORAL: 9 — *Pastoral de conjunto*, por vários, 1968, 112 pp.

VIVÊNCIA RELIGIOSA: 11 — *A religiosa e as famílias* (Sétimo Congresso Nacional da União das Religiosas Educadoras Paroquiais da França — 1963), 1968, 304 pp.

A caminho do presépio (folhinha do Advento até o Natal, com figuras para armar e histórias para ler).

Várias editôras:

ANDRES, Stephan Paul — *História bíblica para nossos dias*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 460 pp. illus., 102 lâms. cols. maps. 23 cm.

DUQUOC, Christian — *A Igreja e o Progresso*, Livr. Duas Cidades, São Paulo, 1968, 96 pp.

THILS, Gustave — *Christianisme sans religion?*, Casterman, Tournai (Bélgica), 1968, 168 pp.

Dos autores:

ALVES, Márcio Moreira — *Beabá dos MEC-USAID*, Ed. Gernasa, Rio, com prefácio de Lauro de O. Lima, 112 pp.

ASSIS, F. Paulo Avelino de — *De olhos abertos para a realidade*, 4ª edição, Centro Bíblico Católico, São Paulo, 280 pp.

Com a colaboração da Nunciatura, de CNBB, da CRB, do IBGE, do Adveniat, aqui estão os dados e as informações sobre a Igreja no Brasil:

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL

Edição 1965

Preço NCr\$ 28,00

SUPLEMENTO N.º 1,

correspondente aos anos de

1966 e 1967

Preço NCr\$ 12,00

à venda na CRB

Av. Rio Branco, 123/10.º

Rio-GB

Fazer apêlo a especialistas

Para apresentar melhor a realidade brasileira, talvez seja aconselhável que a política seja analisada por um político, a economia por um economista, a sociologia por um sociólogo; menos teologia, menos concílio, e mais técnica, mais ciência humana; senão ficaremos falando *per omnia secula seculorum*. Reservem uma coluna só para reações, cabendo à redação publicar as mais oportunas, ainda que estas não sejam sempre as mais gritantes.

Frei Jerônimo Jan-
sen, ofm, Vigário
Geral (a pedido do
seu bispo) Caravelas
— Sul da Bahia

Mais engajamento

Apresentar problemas de nossa atualidade política, musical, enfim, tudo aquilo que é uma constante dos nossos dias, e que não tem um caráter especificamente religioso. Maior atenção... aos jovens cristãos que vivem totalmente isolados e sem apoio. Artigos sobre problemas da teologia moderna, tais como: morte de Deus, teologia da revolução, visão do transcendente, falência de formas clericais, culto etc.

Francisco Alencar
Filho
Rio de Janeiro —
GB

Continuar questionando

A revista deve continuar numa linha de questionamento. Ao mesmo tempo que se respeitam as pessoas, não se deve temer um diálogo franco sobre idéias e acontecimentos. O radicalismo não seria a posição indicada, a covardia ainda menos. Abrir o jogo com coragem. Aliás penso que foi essa a nova tomada de posição da revista.

Cláudio Trudelle
Reitor do Seminário
São Vicente
Marília — SP

Mais espiritual

Redação mais clara. Menos fotografias truncadas, que parecem estar ali só para chamar a atenção. Menos títulos sensacionalistas. Cunho mais espiritual, que possa ajudar nossa vida religiosa (é ou não é uma revista para os religiosos?). Julgo a parte de cinema completamente inútil: do modo que é apresentada, não vale mais do que os comentários que podemos encontrar em qualquer revista profana!...

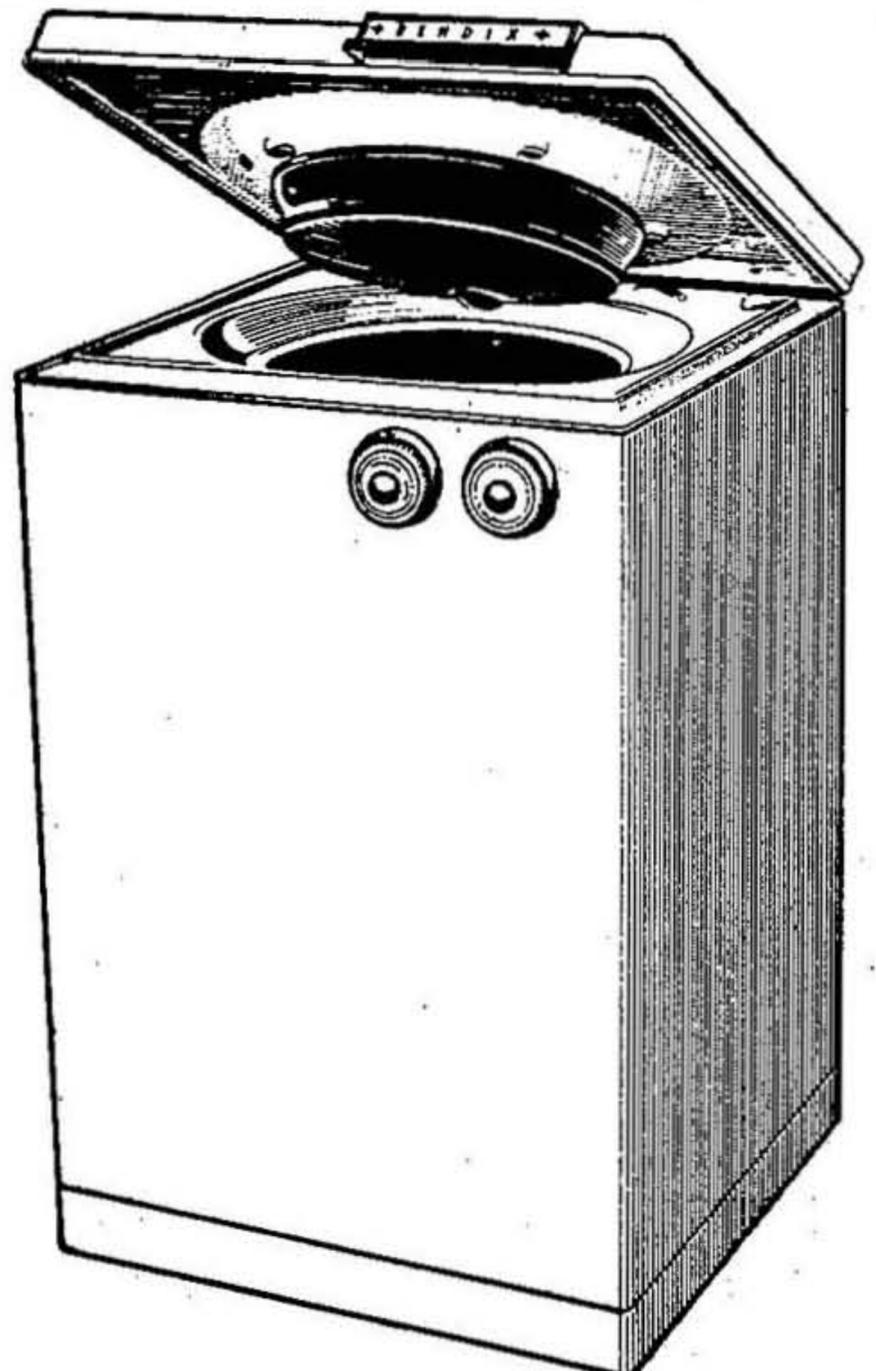
Irmã Maria Rachel
São Paulo — Capital

**Compare a qualidade
Bendix,**

**o preço, o acabamento
e a durabilidade.**

**E escolha Economat.
Economat é Bendix!**

**À venda
na Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 123 / 10.º andar Rio - GB**





uma fatia de pão
apenas pão
uma vasilha de leite
apenas leite
o filho de Deus
apenas filho
meu irmão
e nada mais
nada além
do leite e do pão
do pai e do irmão

RECEITA PARA PRESEPIO